

GARDÊNIA:

FLOR DE LAPELA



EUCLIDES MOREIRA NETO

GARDÊNIA: FLOR DE LAPELA

São Luís



EDUFMA

2019

Copyright © 2019 by EDUFMA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

Profa. Dra. Nair Portela Silva Coutinho

Reitora

Prof. Dr. Fernando Carvalho Silva

Vice-Reitor

EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

Prof. Dr. Sanatiel de Jesus Pereira

Diretor

CONSELHO EDITORIAL

Prof. Dr. Esnel José Fagundes

Profa. Dra. Inez Maria Leite da Silva

Prof. Dr. Luciano da Silva Façanha

Profa. Dra. Andréa Dias Neves Lago

Profa. Dra. Francisca das Chagas Silva Lima

Bibliotecária Tatiana Cotrim Serra Freire

Prof. Me. Cristiano Leonardo de Alan Kardec Capovilla Luz

Prof. Dr. Jardel Oliveira Santos

Profa. Dra. Michele Goulart Massuchin

Prof. Dr. Ítalo Domingos Santirocchi

Capa e Diagramação

Kerly Ferreira (krcpereira@gmail.com)

Revisão e projeto gráfico

Arlete Nogueira da Cruz

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Elaborada pela Biblioteca da Edufma

Moreira Neto, Euclides.

Gardênia: flor de lapela / Euclides Moreira Neto. — São Luís:
EDUFMA, 2019.

136 p.:il.

ISBN: 978-85-7862-860-4

1. Entrevista – Gestão pública – São Luís. 2. História – Memória –
São Luís. 3. Biografia – Gardênia. I. Título.

CDD 352.650 981 21

CDU 303.62:35(812.1)

Bibliotecária Marcia Cristina da Cruz Pereira CRB-13 / 418

Para a Senhora Maria Isaura Feitosa Santos, neste seu Centenário de Vida, matriarca da família de Maria Gardênia Santos Ribeiro Gonçalves.



D. Maria Isaura Feitosa Santos, mãe de Gardênia.
Foto: Arquivo pessoal de Gardênia Gonçalves

Todo mundo é capaz de dominar
uma dor exceto quem a sente.

William Shakespeare



Galileu Clementino Ramos Santos, pai de Gardênia.
Foto: Arquivo pessoal de Gardênia Gonçalves

SUMÁRIO

Apresentação (Euclides Moreira Neto).....	11
Uma entrevista que é uma história de vida (Arlete Nogueira da Cruz).....	15
Origem.....	21
Florianópolis e seus pais.....	23
Descobrendo Teresina.....	25
O batizado.....	26
Infância em Pedreiras.....	28
Descobrendo São Luís.....	34
Surge o primeiro e único namorado.....	38
Lembranças e reminiscências.....	39
O casamento e a transferência para Coroatá.....	49
Thales sogro e Thales filho.....	60
Envolvimento com a política.....	67
Temporada em Codó.....	69
Temporada em Belém do Pará.....	72
A decisão de entrar para a política.....	76
Exercendo o papel de Primeira Dama.....	80
Aparece Edinho.....	87
Chegada ao Governo do Maranhão.....	93
A morte de Thales.....	99
Chegada à Prefeitura de São Luís.....	105
Considerações finais	115
Referências.....	119
Bibliografia.....	129
Dados sobre o Autor.....	130



Gardênia Gonçalves e João Castelo.
Foto: Arquivo pessoal de Gardênia Gonçalves

APRESENTAÇÃO

Este livro reúne uma série de três sessões, com a entrevista que realizamos no ano de 2011 com a Senhora Maria Gardênia Ribeiro Gonçalves, ex-Prefeita de São Luís e ex-Primeira Dama do Estado, pois ela é casada com o ex-Governador do Maranhão, João Castelo Ribeiro Gonçalves, que exerceu diversos cargos públicos, incluindo, além de Governador, o de Deputado Federal, o de Senador e o de Prefeito de São Luís. A transcrição das entrevistas foi realizada somente no mês de junho de 2016.

Toda a série das entrevistas concedidas por Gardênia Gonçalves foi gravada em vídeo digital, portanto, material, relativamente vulnerável e efêmero. Dessa maneira, a transcrição das entrevistas constitui-se uma contribuição para a preservação do conteúdo revelado pela entrevistada. Vale lembrar que para realizar as entrevistas, posicionamos a câmera em um tripé na frente da entrevistada, fazendo o enquadramento de plano médio, idêntico ao enquadramento de fotografia 3 x 4. As três sessões de entrevistas tiveram também a assistência do técnico em audiovisual Geovani da Silva Guterres.

Para a transcrição, utilizamos a mesma sistemática posta em prática na entrevista gravada em vídeo, obedecendo a ordem de perguntas e respostas. Essa sistemática de perguntas, na transcrição realizada, é identificada com o nosso nome em negrito (**EUCLIDES**) e as respostas são identificadas com o nome também em negrito, da entrevistada (**GARDÊNIA**).

Observamos que, às vezes, a entrevistada parafraseia consigo mesma, lembrando situações consideradas relevantes por ela. A narrativa de Gardênia Gonçalves é sem dúvida rica em detalhes, chegando, em alguns momentos a ter uma característica poética, quando ela menciona seu tempo de infância e juventude, percorrendo as cidades de Floriano, Teresina, Flores (hoje Timon), Caxias, Bacabal e São Luís. Eventualmente, ela faz questão de informar que não se lembra de nomes e datas. Apesar disso, o sentido e a força da narrativa são preservados e dão, perfeitamente, para o leitor compreender o que ela gostaria de dizer, ou seja, apreender o contexto do que é narrado.

Ocasionalmente, Gardênia soltava pequenas risadas ao concluir certas respostas ou ficava a pensar, tentando recordar alguma situação. Nesses casos, é feita a citação direta do sentimento expressado pela respondente, colocando a palavra entre parêntesis (risos, pausa etc). Vale ressaltar que, em sua narrativa, a entrevistada é respeitosa com todos os que ela cita, não nos deixando perceber qualquer sentimento de rancor ou desprezo.

Demos a este livro o título de *Gardênia: flor de lapela*. A palavra *Gardênia* refere-se, obviamente, ao nome próprio da entrevistada, e a expressão *flor de lapela* relaciona-se a uma expressão utilizada pela entrevistada, durante a sua campanha para a prefeitura de São Luís quando, em um comício, ela teria afirmado: “sou uma flor de lapela de meu marido”, ao definir a sua relação com o seu esposo João Castelo. Essa expressão foi amplamente gerando correntes favoráveis e desfavoráveis.

Percebemos que Gardênia Gonçalves foi humilde, ativa, combativa e determinada com o que acreditava e tinha convicções, principalmente com aqueles que compartilhavam de sua vida, assim como também cultuava um profundo amor por aqueles que ela considerava integrantes de seu relacionamento social e familiar, especialmente seus filhos – Thales, Gardeninha e Joãozinho – de quem ela fala com muita afetividade. Fala, ainda, das experiências que tentou construir, como a adoção do menino Edinho, que não soube aproveitar a oportunidade por ela sinalizada de que iria terminar de lhe criar, proporcionando-lhe estudos e amparo maternal na Capital Federal.

Euclides Moreira Neto
São Luís, 12 de junho de 2016



Gardênia aos 15 anos. Foto: Azoubel



Gardênia Gonçalves. Foto: Arquivo pessoal de Gardênia Gonçalves

UMA ENTREVISTA QUE É UMA HISTÓRIA DE VIDA

Conheci Maria Gardênia Santos Ribeiro Gonçalves quando ela se encontrava como primeira dama do Estado, esposa do então governador do Maranhão, João Castelo Ribeiro Gonçalves.

Lembro seu admirável empenho a favor de uma assistência social por meio de projetos e realizações, entre eles, os *Encontros anuais de primeiras damas dos municípios maranhenses*, a partir do primeiro, com a presença do governador João Castelo, um destacado e importante governador maranhense do século XX, quando tive o privilégio de dizer algumas palavras às participantes daquele Encontro de Primeiras Damas.

A intensão de Gardênia era conclamá-las para um trabalho abnegado e intenso, ordenado e consequente, ao lado dos maridos e junto à população carente de suas cidades. Comecei a minha fala com uma figuração, insinuando com a mesma o quanto pode realizar-se e projetar-se uma mulher, soando essa figuração como um incentivo àquelas senhoras. Aproveitei para lembrar às mesmas que São Luís nasceu sob os auspícios de uma mulher, Maria de Médicis, mandando inclusive bordar no frontispício da nau capitânea, onde vinha La Ravardière, este lema aliciador: *Tanti dux foemina facti* (*Tanto pode fazer uma mulher*).

O jornalista Euclides Moreira Neto, autor desta entrevista com Gardênia, pediu-me para que a lesse, formatando-a, querendo também minha impressão sobre a mesma, para publicá-

-la. Recebi a incumbência como um presente. Depois que li e reli o que vinha ali sendo contado por Gardênia, de maneira delicada, e minunciosamente, admirei-me do que considero um valioso depoimento de uma menina/mulher que soube se manter fiel aos valores que determinaram sua presença exemplar entre nós, trazendo instantes de felicidade, coragem, solidariedade, dor, coerência e beleza.

Filha de pais amorosos que souberam prepará-la para as vicissitudes da vida, isto Gardênia reconhece várias vezes na sua entrevista, oferecendo-nos por meio dela instantes de cálida emoção. Conta que seu pai às vezes exacerbava: “Meu pai muito severo, e com temperamento apoplético, vez por outra queria me castigar (...). Mamãe corria em meu socorro (...), ele atendia a minha mãe e, muito zangado, dizia para mim: – *Entupa!* Então eu tinha que engolir o choro.”

Depois, descrevendo a dor soberana, quando perdeu o filho de 15 anos num acidente de moto, Gardênia confessa: “... Essa foi a primeira muito grande dor da minha vida. Acho que a educação que tive, de não ter tudo o que eu queria, de enfrentar as situações, ajudou-me.” Gardênia volta, nesse transe, a repetir o que antes já se referira: “Quando meu pai dizia assim para mim: – *Entupa, entupa*, quando eu chorava, e eu tinha que engolir o choro, acho que isso mais tarde me ajudou.”

Há alguns anos escrevi sob forte indignação um longo poema sobre esta corajosa mulher. Foi quando de sua eleição para

o cargo de prefeita de São Luís. Nele, refiro-me ao massacre que ela sofreu, elegendo-se pela vontade superior de um povo, que também soube apoiá-la sob a cruel avalanche política que então caiu sobre ela.

Gardênia resistiu diante de três poderes política e economicamente poderosos: o poder municipal, o poder estadual e o poder federal. Suportou um jornalismo impiedoso e se livrou honestamente da enxurrada de nomeações ilegais que os adversários deixaram nos seus últimos dias de gestão, senhora esta que teve o apoio do povo, principalmente do pobre, aquele que dera a ela, naquela eleição, uma vitória verdadeiramente surpreendente.

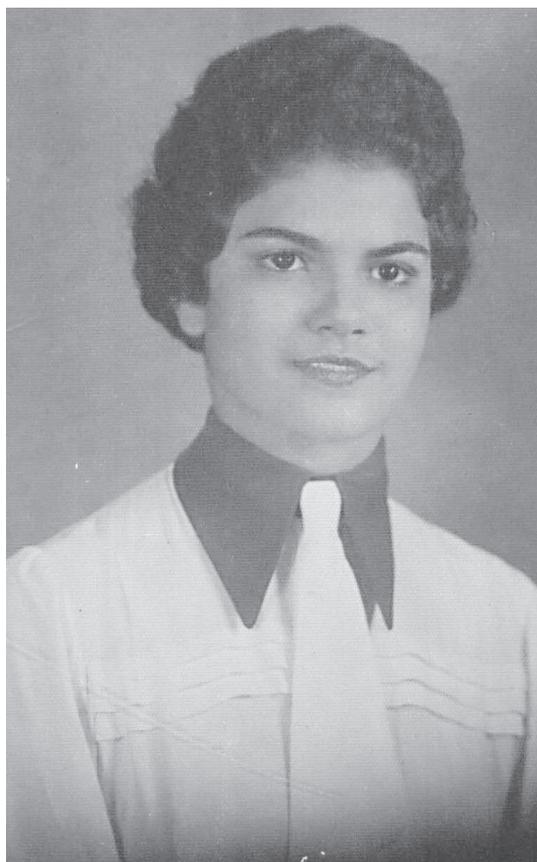
Mas, como governar sem a ajuda daqueles três poderes? Seria de perguntar. Achando pouco, aprontaram uma mesquinha tocaia: percebendo que Gardênia só teria os poucos recursos provenientes do IPTU, incendiaram parte da Prefeitura (inclusive trazendo de fora coquetéis *molotov*), justo onde estavam as referências de cobrança daquele imposto, destruindo o necessário meio que ela teria de efetuar essa cobrança, aos usuários de imóveis, inviabilizando assim a única fonte de recursos que possibilitaria como prefeita realizar minimamente um trabalho a favor de São Luís.

Louvo a feliz iniciativa, oportuna e necessária, de Euclides Moreira Neto que conseguiu a singela e excelente revelação de uma experiência de vida, fazendo de Gardênia uma escritora a

descrever detalhadamente ricos, importantes e, às vezes, dolorosos instantes da história maranhense que a sua excepcional memória e delicada sensibilidade guardaram para nos oferecer.

Arlete Nogueira da Cruz

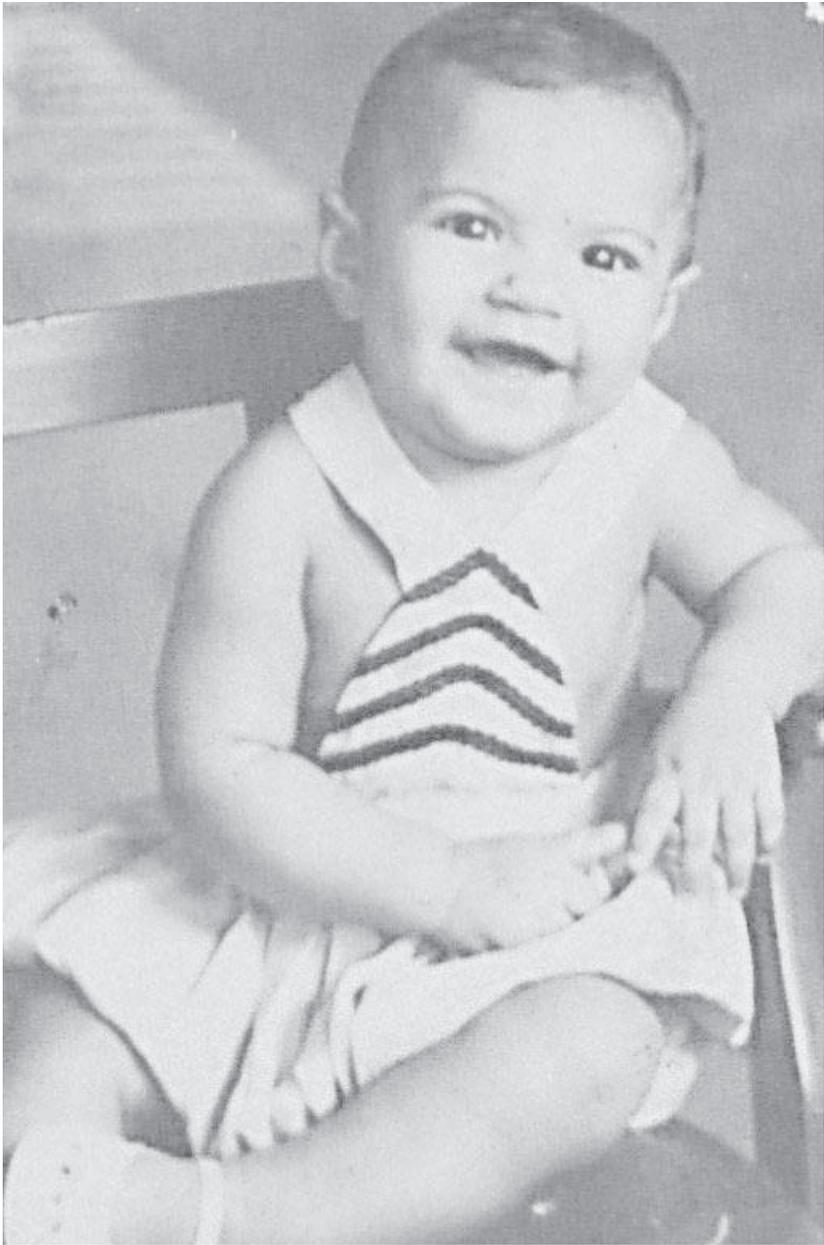
Março de 2019



Formatura do curso Científico (corresponde ao 2º grau), no Colégio Santa Teresa (1958). Foto: Arquivo pessoal de Gardênia Gonçalves

GARDÊNIA:

FLOR DE LAPELA



Gardênia com 8 meses. Foto: Arquivo pessoal de Gardênia Gonçalves

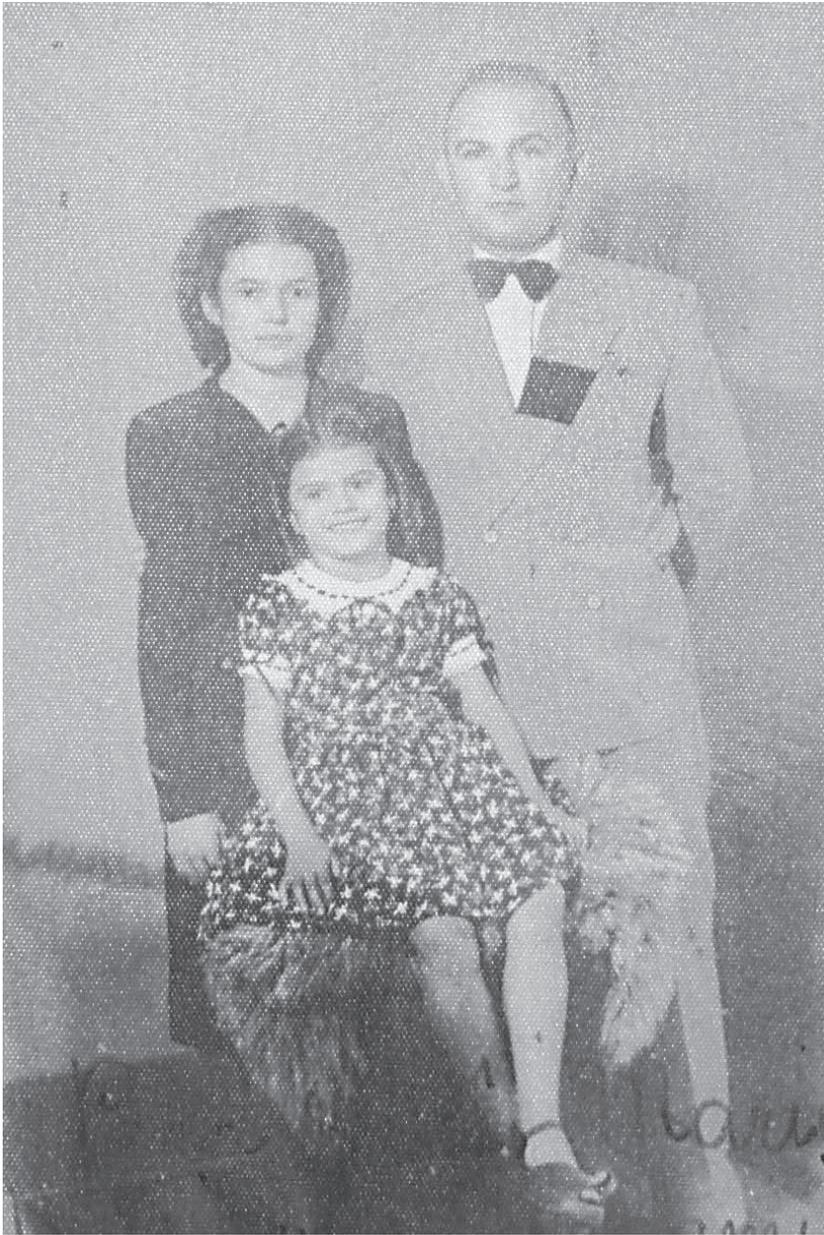
A ORIGEM

Euclides: Quem é a senhora?

Gardênia: Eu me chamo Gardênia. Maria Gardênia Santos Ribeiro Gonçalves. Nasci em Floriano¹, no Piauí, no dia 1º de março de 1940, na casa de minha tia Mundinha, irmã mais velha de minha mãe, casada com o tio João Elias, e mãe também de muitos filhos. A casa ficava, ou fica ainda, na rua Silva Jardim, nº 493, bem perto da principal avenida da cidade, onde, mais tarde, eu e minhas primas passeávamos, fazendo aquele *footing*, como se dizia antigamente, aquela caminhada, indo e vindo, aos sábados e domingos.

O médico que fez o parto foi o doutor Sebastião Martins, parteiro da maioria das mulheres de Floriano. Mamãe me contou que ela estava com papeira (caxumba) quando eu nasci, não foi fácil, doía tudo, dos pés à cabeça. Eram 6 horas da manhã e o sino da igreja de São Pedro de Alcântara tocava, chamando para a missa da primeira sexta-feira do mês. Ela contou, também, que tomou um susto muito grande quando a minha tia, que estava ajudando o médico, foi colocar o colírio nos meus olhos que, naquele tempo, se usava para limpar os olhos do recém-nascido, um colírio chamado Argirol, e ela trocou, usando iodo que estava lá do lado para queimar o meu umbigo. Então, o susto foi muito grande e ela... Mas, depois do susto, a alegria dela foi grande de me ver com dois olhos negros grandes, bem abertos, o iodo apenas havia queimado um pouco as minhas pálpebras.

Mamãe (risos), por favor... (risos).



Gardênia, D. Isaura (mãe) e Sr. Galileu (pai) em Floriano (1945).
Foto: Arquivo pessoal de Gardênia Gonçalves

FLORIANO E SEUS PAIS

Euclides: Por que Floriano?

Gardênia: Porque eu nasci em Floriano. E porque o casamento dos meus pais foi lá. Minha mãe, Maria Isaura Feitosa Santos, filha caçula de nove irmãos que vingaram, filha de Higina Reis, piauiense, e Gabriel Alves Feitosa, cearense. A minha avó, Higina, tinha dezessete anos quando se casou com meu avô, que tinha trinta e três, mas a tratava de “dona Higina”. Minha mãe nasceu no dia 30 de abril de 1919, em Floriano também, na fazenda Vereda. Meu pai, Galileu Clementino Ramos Santos, nasceu em Oeiras, no Piauí também, no dia 1º de setembro de 1915, segundo filho do coronel João de Sousa Santos e Maria Clementina Ramos; era muito querido dos pais e dos irmãos, porque era o primogênito dos homens, sempre muito responsável e educado.

Muito jovem veio para Floriano, trabalhar na casa Marc Jacob, quando conheceu a jovem Isaura e aí começaram o namoro. No final de 1938, ele foi convidado pelo interventor do Maranhão, Dr. Paulo Ramos, seu parente, para vir trabalhar com ele no Maranhão. Não quis deixar a namorada solteira, casaram-se no dia 11 de janeiro de 1939, somente no católico, na Igreja de São Pedro de Alcântara. Veio assumir o cargo em São Luís, recebeu as ordens do Interventor e voltou para buscar a esposa. Depois foram morar em Codó². O casamento civil aconteceu meses depois em Codó. Mamãe, já grávida, com a barriga grande,

achando graça da situação. Meu pai, meio desconcertado, e o tabelião, seu Henriquinho, dizendo que o ato era solene, recomendando comportamento condizente, mas com vontade de sorrir também.

A escolha do meu nome foi conduzida por meu pai. Ele dizia que se fosse homem, ele queria um nome forte, Ubirajara, Índio do Piauí, ou Irapuã, ou então Galilei. Se mulher, poderia ser Galileia. Ficou claro que mamãe não gostou de nenhum. Se fosse homem, ela colocaria João Bosco. Ela admirava muito a vida de Dom Bosco, fundador da ordem dos Salesianos. Faria também uma homenagem ao sogro que era João. No caso de vir uma menina, decidiram procurar no dicionário o nome de uma flor, encontraram, e gostaram do Jasmim do Cabo, conhecido também como Gardênia.

Sempre gostei muito do meu nome. Até porque por muitos anos por onde passei, nunca ouvi falar de outra Gardênia, por muito tempo. As Gardêneas que eu conheci já vieram depois de mim, já entendidas, e já grandes.

A minha primeira viagem, aos dois meses de idade, de vida, foi numa balsa³, descendo o rio Parnaíba. E como diria o grande poeta Da Costa e Silva, “as barbas brancas alongando e ao longe os mugidos dos bois da minha terra.” É claro que não me lembro disso, porque eu tinha dois meses de vida, mas até hoje tenho a sensação de estar vendo como foi linda a minha estreia como viajante.

DESCOBRINDO TERESINA

Euclides: Sua chegada à Teresina?

Gardênia: A alegria da chegada em Teresina⁴, a recepção da minha querida tia Sinhá, cujo nome era Laura, irmã mais velha do meu pai, casada, nunca teve filhos. Criou a irmã mais nova, Helena, chamada carinhosamente de Leni. Por tia Sinhá, fui adorada “como sobrinha querida”, e sempre que possível, durante minha infância, me acolhia na época das férias. Eram dias de princesa, fazia tudo o que eu queria e me tratava como tal.

Recordo um episódio interessante, já em 1959, eu tinha dez anos, estava lá passando as férias, havia um recenseamento na época e meu pai sempre dizia quando me olhava, caminhando assim nas ruas, dizia para minha mãe: “Isaura, a Gardênia de branco foi o mais preta que já vi.” Porque eu era bem moreninha e quando pegava sol ficava mais morena ainda. Então, na hora, quando o recenseador foi anotar aos meus dados me classificou como parda. Não prestou. A tia Sinhá imediatamente protestou: “Não concordo, ela não é parda, tem sangue azul nas veias, é descendente de famílias portuguesas e do Barão da Parnaíba. Ela é branca. E assim ficou determinado. (Risos)

O BATIZADO

Euclides: Como foi o seu batizado?

Gardênia: O meu batizado aconteceu em Teresina mesmo, depois da nossa chegada, vindos de Floriano. Minha mãe era muito católica e tratou de providenciar tudo. Meus padrinhos, meus avós paternos, não tiveram condições de vir a Teresina, então foram representados por tia Sinhá e tio Anísio. A cerimônia aconteceu num domingo do Divino Espírito Santo, em maio, na Igreja de São Benedito. A Igreja de São Benedito, bonita, imponente, é localizada na entrada da avenida Frei Serafim, principal avenida da cidade de Teresina.

Depois do batizado, fomos até a casa do arcebispo Dom Severino Vieira de Melo, para eu ser crismada por ele. A casa era muito bonita, tinha um pátio bonito, florido, com bugarins, perfumado, roseiras, lauritas, loucura das meninas, um arbusto florido que também se chama espiirradeira, e um quintal grande com muitas fruteiras, mangueiras, jaqueiras, cajueiros, sapotizeiro, romã e seriguela. A capela do bispo ficava numa sala grande, dentro da casa. Era uma beleza.

Poucos anos depois meus tios, que eram amigos do arcebispo, compraram essa residência e foram morar lá. Passei muito das minhas férias naquele paraíso. Eu dormia no quarto grande, onde outrora fora a capela em que fui crismada. O meu tio Anísio era desembargador, mas fazendeiro também. Tinha fazendas grandes no interior do Estado e duas em Teresina, pequenas, onde ele criava gado leiteiro.

Do Mocambinho, ele trazia uma vaca parida, com o bezerinho, para tomarmos o leite mungido na beira do cercado, lá no quintal. Todos os dias mandava também o leite para o arcebispo. Eu gostava muito de acompanhar o meu tio que dirigia uma fóbica para visitar essas propriedades. Ia conosco também um menino, um rapazinho que eles criavam, chamava-se Raimundo. Raimundo ajudava em tudo e estudava também. Era meu amigo e me levava a passear na praça da Bandeira para ver as araras, tamanduás e outros animais que viviam por lá. Ele também me trazia umas revistas do Sesi, um almanaque, o Sesinho. Eu adorava ler as histórias do Vovô Felício, eram mesmo dirigidas às crianças. Eu adorava essas férias em Teresina, sempre que podiam meus pais me mandavam para lá.



Gardênia, na infância. Foto: Arquivo pessoal de Gardênia Gonçalves

INFÂNCIA EM PEDREIRAS

Euclides – Fale de sua infância.

Gardênia – Minha infância em Pedreiras?⁵ A minha vida em Pedreiras?

Aprendi as primeiras letras, ou melhor, fui alfabetizada em Pedreiras, por uma professora particular, chamada Celeste, dona Celeste. A tabuada, ela ensinava usando uma folhinha, ou melhor, um calendário, e uma palmatória pendurada no castilho da janela. Graças a Deus, nunca utilizou em mim essa palmatória, embora em toda a minha vida a matemática nunca tenha sido o meu forte. Na caligrafia, eu caprichava e aprendi a desenhar uma letra bonita.

Meu pai, preocupado com minha educação, me matriculou depois em duas escolas: uma particular, a Escola Santa Teresinha, da professora Dona Gerusa; outra, pública, o Grupo Escolar Oscar Galvão. Eu me lembro que a professora Ceres Lago todo dia nos fazia repetir: “O prefeito de Pedreiras é o senhor José Lago.” Perguntava: – Quem descobriu o Brasil? E perguntava também o dia do descobrimento. Todos os dias também cantávamos o Hino Nacional no pátio da escola.

Meu pai sempre exigia que eu tivesse as melhores notas. Não adiantava meio termo. Dizia que eu tinha que conhecer os dois lados da vida: o comum e o privilegiado. Ele dizia que eu tinha que aprender as regras do bem viver. Eu era filha única e não

podia ficar cheia de vontades. Eu era muito manhosa, voluntariosa e atrevida. Tinha sempre uma resposta na ponta da língua para qualquer situação. Meu pai muito severo, e com temperamento apoplético, vez por outra queria me castigar com lapada de seu cinturão. Mamãe corria em meu socorro e nunca deixava que ele prosseguisse com aquilo que eu considerava uma barbaridade. Ele atendia a minha mãe e, muito zangado, dizia para mim: “Entupa!” Então, eu tinha que engolir o choro. Minha mãe, mais complacente, quando eu fazia alguma bobagem, apenas dizia: “- Maria Gardênia, moleca, tu vais ficar aqui de castigo!” E me deixava sentada num baú que sempre nos acompanhou nas mudanças.

Em Pedreiras, eu morava numa casa em cima do morro, onde também ficava a Igreja de São Benedito, padroeiro da cidade, eu aprendi o catecismo e fiz a minha Primeira Comunhão. Os vizinhos do morro, ao lado da igreja, eram todos amigos e com alguns parentes. A última casa da rua era a Casa Paroquial que costumávamos visitar e levar coisas gostosas para os padres que passaram por lá.

Eu me recordo de três: Padre Odorico, o primeiro que mais tarde passou para a Ordem dos Jesuítas. Baixinho, gordo, muito inteligente, conversava muito com meu pai que ia visitá-lo à noite. Uma vez, encontrou-o desolado, acabrunhado, contou o que havia acontecido com os seus livros, que ele deixava numa casa lá na Trizidela, do outro lado do rio Mearim. A enchente do rio estragou todos eles. Tinha um, muito especial, edição esgota-



1ª Comunhão de Gardênia, em Pedreiras/MA (1947).
Foto: Arquivo pessoal de Gardênia Gonçalves

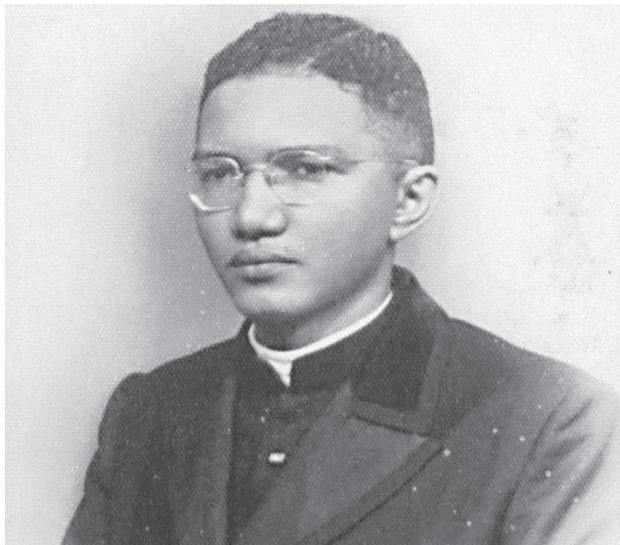
da, causa maior do seu sofrimento, e ele dizia para meu pai: “Isso é uma perda irreparável. Acredite, Galileu, eu estou sentindo o que você sentiria se perdesse a Gardênia, sua única filha.”

Imaginem como meu pai voltou para casa: arrasado também. Teve outro padre, o Padre Gerson, ele ficou muito tempo como pároco da cidade, era muito sisudo e de pouca conversa. Depois chegou o Padre Ribamar, jovem, recém-ordenado, conquistou de cara as crianças de Pedreiras. Foi ele quem nos preparou para a nossa Primeira Comunhão e presidiu a solenidade. Eu fui a articuladora. Sem que meus pais soubessem, fui até o Padre Gerson, que estava almoçando na cabeceira da mesa grande do salão paroquial, cheguei perto, do lado, e falei: “Padre Gerson, gostaria de lhe fazer um pedido.” Ele disse: “Diga minha filha.” E eu, sem cerimônia, continuei: “Deixe o Padre Ribamar celebrar a nossa festa.” Pedido atendido, voltei para casa feliz da vida, sem me importar com o castigo ou sermão que poderiam vir depois.

O Padre Ribamar e eu fomos amigos até ele morrer de repente, em São Luís. Ele chegou a ser Reitor da Universidade Federal do Maranhão. Foi o orador-sacro mais vibrante que conheci até hoje. Foi meu orientador, algumas vezes, confidente. Quando ele ia à Europa, sempre me trazia lembranças da viagem. Foi ele quem celebrou o meu casamento, no dia 30 de abril, aniversário de minha mãe. 30 de abril de 1959. Fez também o batizado de Thales, o meu filho mais velho, que nasceu no dia 9 de novembro, em São Luís. O batizado foi na Catedral, com água



1ª Comunhão de Gardênia, em Pedreiras-MA (1947).
Foto: Arquivo pessoal de Gardênia Gonçalves



Pe. Ribamar Carvalho celebrou a 1ª comunhão e o casamento de Gardênia.
Foto: Arquivo pessoal de Gardênia Gonçalves

benta que ele trouxe de Lourdes, especialmente para o batizado, numa recente viagem que havia feito à França. Ele contava, com carinho, que a primeira visita que o recebeu, quando chegou a Pedreiras, foi da menininha cacheada, olhos negros e risonhos, usando um vestidinho rosa de papo azul e levando para ele um pudim feito pela mamãe.

Pedreiras foi também um paraíso na minha infância. Houve muitas brincadeiras e folguedos com primos e amiguinhos em volta da igreja. No pátio, onde tinha o Cruzeiro, eu fazia promessas a São Benedito para me dar um irmãozinho ou uma irmãzinha. Todo ano, no dia da festa do Santo, eu pedia um irmão ou uma irmã, que nunca vieram.

Naquele tempo brincávamos de roda, de esconde-esconde, canção, amarelinha. Nas noites de lua, fazíamos uma roda contando histórias de saci-pererê, boi-tatá, lobisomem, visagens, depois íamos dormir com muito medo. Na época das festas juninas, as fogueiras crepitavam, clareando a rua e assando batata doce. Tinha um alto falante, onde colocavam avisos, fazia propagandas das lojas e, vez por outra, os enamorados ofereciam canções para as suas amadas. Eu ainda tenho a sensação de estar ouvindo *Morena Marina*, acho até que é de Dorival Caymmi, oferecida a uma moça chamada Carmem que havia desagradado o namorado.

DESCOBRINDO SÃO LUÍS

Eucides: E como São Luís⁶ entrou na sua vida?

Gardênia: Eu tinha de oito para nove anos, quando nos mudamos de Pedreiras para São Luís. Saímos pela manhã, num ônibus, meio pau-de-arara, para pegar o trem Maria Fumaça⁷ em Coroatá, a fim de vir morar na capital do Estado.

Quando eu cheguei em São Luís com meus pais, chegamos de trem, né? A família de mamãe tinha duas irmãs que já moravam aqui, uma delas com muitos filhos, meus primos. Então fomos recebidos com muita alegria. Ficamos na casa de uma das tias, da Benvinda, tia Benvinda, tio “Borginho”, enquanto meu pai se organizava a fim de fixarmos nossa residência aqui em São Luís.

A minha primeira escola em São Luís foi a de dona Zuleide Bogéa, eu estudei um ano lá. Dona Zuleide era uma senhora gorda, ela imprimia muito respeito e, às vezes, medo. Porque corria uma estória de que havia uns caroços de milho para quando algum dos alunos fizesse qualquer coisa errada, ficar de castigo ajoelhado nesse milho. Graças a Deus, eu nunca precisei.

Mas eu sempre fui uma menina bem comportada, porque, como eu disse antes, tive uma criação rígida, imposta pelo meu pai, preocupado por eu ser filha única, nunca deixando eu me comportar mal aonde quer que eu chegasse. Depois desse ano no colégio de dona Zuleide, aí meu pai me colocou no Colégio Santa Teresa, das Irmãs Doroteias. O Colégio Santa Teresa⁸ era

um colégio só para meninas, e eu lá estudei até terminar o meu ensino básico. Fiz até o Científico, lá no Colégio Santa Teresa. Foi assim, praticamente, a parte mais interessante da minha vida. Fui crescendo, fiquei mocinha, e todo tempo lá no Colégio Santa Teresa. Tinha uma irmã (freira) que era caxiense e que gostava muito de mim, a Madre Ferro Costa. Tinha também a Madre Martins, que me ensinava História e Geografia e uma Professora, essa já foi no Segundo Grau, a doutora Concita Quadros, que ensinava Latim. As matérias que eu mais apreciava mesmo eram o Latim, o Português, a História e a Geografia. Matemática nunca foi o meu forte, como já disse antes. Mas, assim mesmo, eu sempre me destaquei. Meu pai não admitia que não tirasse as melhores notas, era uma cobrança permanente. Eu sempre tive que me dedicar muito, principalmente para fazer o gosto do meu pai. A minha mãe já não era tão exigente, mas ele era exigentíssimo.

Fiz o Exame de Admissão lá e passei. Porque antigamente, na minha época, a gente fazia o Primário, aí na quinta série do Primário fazia assim, como se fosse um vestibular de hoje, um Exame de Admissão para cursar o Segundo Grau. Aí, passei e continuei lá no Colégio Santa Teresa, depois eu não quis fazer o Curso Normal. Naquele tempo, eram oferecidas duas opções para os estudantes: o Curso Normal ou o Curso Científico. Nós só tínhamos essas duas opções no colégio, ou era o Curso Normal ou era o Curso Científico, e eu optei pelo Curso Científico. Se eu tirasse as melhores notas, ia para o quadro de honra, e ele sempre me fazia ser a melhor. É claro que isso me custava muita dedicação.



Festa de aniversário de 10 anos de Gardênia - São Luís-MA.
Foto: Arquivo pessoal de Gardênia Gonçalves



Colégio Santa Teresa (1954). Foto: Arquivo pessoal de Gardênia Gonçalves



Colégio Santa Teresa (1958). Foto: Arquivo pessoal de Gardênia Gonçalves



Colégio Santa Teresa (1958). Foto: Arquivo pessoal de Gardênia Gonçalves

SURGE O PRIMEIRO E ÚNICO NAMORADO

Euclídes: E seu primeiro namorado?

Gardênia: Tanto é que quando eu conheci João, que é o meu marido, eu tinha dezesseis anos de idade. Então, o conheci numa Tertúlia, no Lítero. Eram umas festas dançantes que se faziam aos domingos, das 18 às 21 horas, ou terminavam, no máximo, às 22 horas. E, na primeira Tertúlia que eu fui, conheci o João. Aí, começamos o namoro. Depois, quando meu pai tomou conhecimento, ficou muito zangado, muito chateado, reclamando da minha mãe, porque ela havia deixado eu ir à Tertúlia, porque uma mãe piedosa não deixaria a filha sair assim para uma festa, mas ele... (pausa).

Então, eu disse: “Olhe meu pai, o senhor não se preocupe.” Aí, ele disse para a minha mãe: “Olha, Isaura, agora a Gardênia não vai mais estudar, vai ficar envolvida com namoro...” Aí, eu me virei para ele e disse assim: “Olhe, meu pai, fique tranquilo. O senhor vai ver, eu vou namorar, sim senhor.” Eu falei assim, porque eu era muito decidida. Reafirmei para meu pai: “O senhor fique tranquilo que as notas não vão baixar o nível.”

E continuei sempre. Terminei o Científico em primeiro lugar, eu e uma colega chamada Ana Elvira, que era muito ligada a mim, nessa ocasião.

LEMBRANÇAS E REMINISCÊNCIAS

Euclides: Esse Lítero era o da João Lisboa?

Gardênia: Era, era o da Praça João Lisboa. Sim, era o Lítero da João Lisboa.

Euclides: Onde a senhora morava nessa época?

Gardênia: Eu morava na rua dos Afogados. Eu morei primeiro na rua 14 de julho, depois fui morar na rua dos Afogados. E quando terminei o Curso, quando eu já estava noiva, nós já estávamos morando numa casa que meu pai adquiriu na rua Isaac Martins, ou Barrocas, porque aqui em São Luís, no Centro Histórico, as ruas geralmente têm dois nomes, né? Era Isaac Martins ou Barrocas. Eu terminei meus estudos lá, de lá saí para me casar. Aliás, eu me casei em casa, em casa mesmo, lá na rua Isaac Martins, nº 56.

Euclides: Foi conflituoso o namoro de vocês dois?

Gardênia: Não, não. Eu tive um namoro tranquilo. Inicialmente, houve assim... é... certa desconfiança da minha parte, porque tomei conhecimento que ele tinha uma namorada. E ele me dizia: “Não, eu acabei com a namorada porque lhe conheci.”

Quando ele me conheceu lá no Lítero, ele me disse que nunca tinha me visto antes, onde era que eu andava, que ele nunca tinha me visto. Aí, eu disse: “Não? Eu estudo no Colégio Santa Teresa. Todo dia eu desço a pés pela rua do Sol para ir pro



Gardênia na adolescência. Foto: Arquivo pessoal de Gardênia Gonçalves

Santa Teresa, para ver o bonde passar, mas não sou habituada a estar nos lugares, esta é a primeira vez que eu saio para uma Tertúlia.” Aí ele brincou e disse assim: “Pois é, as coisas melhores mesmo são as mais difíceis!” (risos). Aí, começamos o namoro e hoje já dura, de casados, 51 anos, e entre o namoro e o noivado, quase 55 anos.

Euclides: Nessa época, qual eram as opções da juventude, além de estudar?

Gardênia: Olha, eu estudava muito, e também, gostava muito das atividades culturais da escola. Eu fazia parte do Grêmio. Eu escrevia no Jornal Mural do Colégio e era quem fazia aquele jornalzinho que toda semana era colocado na parede; eu e mais duas colegas, mas sempre eu coordenando. Tínhamos também, depois, já quando eu estava no Científico, um jornalzinho editado pela escola chamado *O Progresso*. Eu escrevia no *Progresso*, fazia meus artigos nesse jornalzinho *O Progresso*.

Mas o passeio da época era na Avenida Pedro II. A gente passeava na Avenida Pedro II, dando voltas, da mesma maneira que eu passeava quando ia para Floriano, naquela avenida que era a principal avenida da cidade. Outro lugar que a gente ia muito, era ao cinema, o Cine Roxy, o Cine Éden. E tinha também o Teatro Arthur Azevedo, que durante muito tempo foi também cinema dos Duailibe, onde passava muito filme brasileiro com Oscarito, Grande Otello, mas eu gostava mesmo era do Cine Roxy, que tinha uma seleção musical escolhida pelo filho do dono do cinema, chamado Zé Bernardo Tajra, a qual era uma maravilha.

E é por isso que eu nunca me esqueci do Cine Roxy. Por isso é que hoje, quando falaram em melhorar as condições do Centro Histórico de São Luís, fui a primeira a incentivar o Prefeito a recuperar o Roxy e fazer dele o Teatro da Cidade. Tudo isso são reminiscências e recordações da minha infância e juventude aqui em São Luís.

Euclides: Nessa época, qual o filme que mais marcou sua adolescência e sua juventude?

Gardência: Olha, os filmes naquela época eram muito bons. Viam-se muitos filmes relacionados ao período de guerra, não é? *A ponte de Waterloo...*, eu me lembro muito bem da *Ponte de Waterlow*. Eu me lembro de outro filme, *Amar...* não, não: é *Suplício de uma saudade*. Tinha também *A um passo da eternidade*. Eram filmes muito bonitos, com grandes atrizes, grandes astros do cinema americano. Muitos deles relacionados com a guerra, porque coincidiam, justamente, com o período da guerra e do pós-guerra.

Eu me lembro que uma vez vim a São Luís passar uns dias, eu devia ter uns cinco anos, quando ainda morava em Pedreiras, foi no Carnaval de 1945. Eu me lembro desse *Carnaval da Vitória*, porque havia acabado a guerra, né? Foi muito interessante aquela época em São Luís. Eu ficava muito admirada, porque, menina, morando no interior do Estado, vinha a São Luís e via aqueles americanos, aquelas pessoas uniformizadas, bonitas, que estavam aqui em São Luís naquela ocasião, por causa da Base que nós tínhamos lá no Tirirical.

Lembro-me, também, de uns rapazes que se fantasiaram de *Irmãs Dione*. Haviam nascido, essas irmãs quintuplas, nos Estados Unidos, as chamadas *Irmãs Dione* e os rapazes da Indústria Jesus, filhos do dono da fábrica, com amigos, se fantasiaram... Aqui em São Luís eles eram quintuplos (risos). É, eles se fantasiaram de “Irmãs Dione.” Então, tudo isso são recordações da minha infância aqui em São Luís.

Outra coisa que gostava muito de fazer, quando eu era ainda bem menorzinha e quando estava com meu pai, era ir à missa das 10 horas, aos domingos, na Catedral. Após a missa, nós fazíamos um passeio pela Beira-Mar daquela época, era um passeio lindo! A Beira-Mar daquela época era linda! Era muito bonita a Beira-Mar. E passeávamos de bonde, tinha o bonde que ia para a Praça Gonçalves Dias, era o passeio que eu mais... Portanto, o passeio que eu mais gostava era do bonde que ia para a Praça Gonçalves Dias.

A gente sempre passeava aos domingos, depois da missa. Tinha também o bonde que fazia o percurso da Estrada de Ferro, que dava uma volta no Centro Histórico de São Luís e a gente dava a volta naquele bonde e ficava apreciando aquelas casas antigas da cidade que, naquela época, não estavam tão deterioradas. Essas são as minhas lembranças de infância em São Luís: a praça João Lisboa.

Eu fiquei também num sobradinho, em frente ao Cine Roxy, numa temporada de férias, e de lá a gente via a extensão da praça João Lisboa, que era linda... linda. A praça João Lisboa

era linda! E então, quando havia aquelas chuvas rigorosas durante o inverno em São Luís, aquelas chuvas muito pesadas de inverno, tipo aquelas chuvas pesadas que, quando caem atualmente, encharcam tudo em pouco tempo, pois naquela época isso não acontecia, em pouco tempo a água toda escoava rapidamente. E eu ficava admirada e depois eu via como o sistema de drenagem de São Luís era perfeito. O centro da cidade era muito bem estruturado com drenagem, com escoamento sanitário, e o bonde... O bonde que era uma atração à parte, acho que todo mundo tem saudade do bonde de São Luís.

Euclides: Que acontecimentos marcaram a vida social da cidade nesse período, especialmente a sua?

Gardênia: Olha, houve acontecimentos importantes. Eu tinha mais ou menos dez anos, e estava até de férias em Teresina. Era uma dessas férias que eu ia e voltava de trem. A minha mãe e meu pai me mandavam sempre na companhia de alguém. Quando eu estava lá em Teresina, na época de retornar para São Luís, pois as aulas iam começar, eu tomei conhecimento de uma greve⁹ que estava acontecendo aqui em São Luís e eu tinha notícia da história. Era uma greve política que marcou época na cidade, algumas pessoas, inclusive, morreram.

Houve um tiroteio, era por conta da insatisfação de alguns políticos que não queriam que o governador eleito na época ficasse no poder. Então, criou-se uma situação de disputa política muito séria. As aulas tiveram que ser suspensas. A situação ficou de uma forma tal que as pessoas tinham até medo de ir à rua. Na

praça João Lisboa, eu tive a oportunidade de ver, num sobrado muito bonito que era a casa onde morava a família de Lino Machado, as pessoas que discursavam. As pessoas discursavam das sacadas desse sobrado. Não era só para protestar contra aquela situação. No fundo, as pessoas queriam uma solução, pois elas estavam todas preocupadas.

Eu me lembro do episódio de uma moça que se dizia filha de cearense com piauiense, que foi também falar da sacada. Minha mãe e minha tia, tia Donana, que era muito bairrista, piauiense bairrista, morava aqui em São Luís, tinha vindo de Manaus. Pois bem, elas duas ouvindo a moça fazer lá o seu discurso que dizia assim: *“Maranhenses, se acalmem, se acalmem.”* Ela falava muito errado, aí a gente começava a rir, não é? Essa moça dizia: *“Eu sou uma piauiensa misturada com cearense e estou aqui de passagem, mas não posso prosseguir minha viagem porque esta greve não deixa.”* Então, esse foi um episódio marcante, essa greve.

Outra coisa também que me marcou, que ainda hoje eu tenho gravada sua imagem, foi o incêndio do navio de carga Maria Celeste. É porque eu estudava ali no Colégio Santa Teresa, próximo do porto, e a gente ia e voltava da escola e porque vários dias esse era o assunto principal da cidade. Por vários dias esse navio, que era um navio grande, ficou pegando fogo. Ele, o Maria Celeste, estava carregado de tambores de combustível e pegou fogo perto do cais, ali, no Cais da Sagração. A cidade não tinha recursos técnicos para apagar o fogo, não tinha recursos

naquela época para debelar grandes incêndios, portanto, não tinha como apagar aquele fogo. Então, ficou vários dias aquele incêndio acontecendo lá na baía e a gente ia e vinha da escola olhando aquilo, muitas pessoas iam para a Beira-Mar ver aquele espetáculo. Foi outra coisa marcante daquela época.

Outra coisa também interessante, que a gente vivenciava, eram as procissões. A procissão de São Benedito, que é uma tradição aqui em São Luís, a procissão do Senhor Morto. Outra coisa que eu me lembro, que eu achava interessantíssimo na minha infância, logo que eu cheguei aqui em São Luís, eram os Reisados. Aquela brincadeira que hoje quase não se vê mais. No período de Reis, os dias que antecediam e, depois, aquelas apresentações dos Reisados, que foram para mim interessantes, falando dos Magos, dos Reis e tudo mais.

E uma coisa que eu também apreciava muito era o Carnaval de rua de São Luís. A gente ia para a João Lisboa, então os clubes da cidade, o Lítero, o Casino, eles se organizavam com os carros alegóricos que a gente chamava de *Corso*. E aqueles carros alegóricos, representando o Clube, eram muito bonitos, primavam em fazê-los enfeitados, fazer aquela performance bonita com aquelas moças fantasiadas, e muitos jovens, rapazes, todos em cima dos Corsos, cantando as músicas do carnaval da época. Já tinha naquele tempo a Casinha da Roça, também. Então, na época do Carnaval em São Luís, a gente ia para a Praça João Lisboa ver esse Corso, para ver os fofões. Os fofões metiam medo nas crianças. Eu, pelo menos, tinha medo deles porque

eles vinham assim para perto da gente, sempre com uma bonequinha na mão e fazendo: hohoho... hohoho... Eu gostava muito também de apreciar os blocos. Os blocos marcaram aquela época da minha infância em São Luís. Eu me lembro de um que se chamava Pif-Paf; eles saíam geralmente aos domingos pela manhã, visitando várias casas, residências de pessoas que gostavam do Carnaval. Na rua onde eu morei, rua das Barrocas (rua Isaac Martins), de lá saía um desses blocos no período do Carnaval.

Euclides: A senhora participou dos Bailes de Máscaras que faziam aqui nessa época?

Gardênia: Não. Naquele tempo, nos Bailes de Máscaras, as meninas, ditas “de famílias”, não os frequentavam. Quem frequentava os Bailes de Máscaras eram mais as mocinhas que trabalhavam no comércio. As secretárias domésticas que gostavam de ir, elas iam mascaradas e os homens iam de caras limpas. Quando eu comecei a namorar, tinha dezesseis anos, meu namorado era João Castelo, tinha dezoito anos. Ele era um frequentador assíduo dos Bailes de Máscaras.

Euclides: A senhora deixava?

Gardênia: Eu nem sabia. Ele saía lá da minha casa e se mandava para o Baile de Máscaras (risos). Mas isso aí durou pouco, nós nos casamos logo. Quando ele casou tinha vinte e um anos e eu tinha dezenove, tinha feito dezenove anos.



Gardênia durante o seu noivado (1958).
Foto: Arquivo pessoal de Gardênia Gonçalves

O CASAMENTO E A TRANSFERÊNCIA PARA COROATÁ

Euclides: Como a senhora conheceu João Castelo?

Gardênia: Olha, como eu já falei, eu o conheci numa Tertúlia. Aí começamos a namorar. Eu terminei o meu Curso Científico. Coincidiu o início do namoro com o início do Curso e, no final do curso, nos casaríamos. Estávamos nos programando, arrumando as coisas para o casamento. A minha sogra era muito casamenteira, apesar de João ser filho único como eu, o meu pai e a minha mãe não faziam questão que eu me casasse. Meu pai ficou muito triste com o namoro, porque ele queria que eu estudasse, queria que eu me formasse, e ele desconfiava que eu ia terminar mudando o rumo que ele havia projetado para mim.

Quando eu estava terminando o Científico, João, trabalhando no Banco da Amazônia, foi convidado para ir trabalhar no interior do Maranhão, precisamente em Coroatá. Nós já estávamos noivos, eu ia fazer o vestibular para o curso de Direito, conforme meu pai desejava. Ele tinha muita vontade que eu me formasse em Direito. Aí, eu já ia me preparar para o vestibular, quando João me falou: “Gardênia, eu vou ser transferido para trabalhar em Coroatá¹⁰, porque eu tive uma promoção no Banco. Eu vou ser subgerente lá, então eu queria me casar antes, logo, para a gente ir juntos para Coroatá.”

Aí, eu não tive dúvidas. Topei. Aí, ele foi a Coroatá, se organizou, alugou uma casa. Os móveis que nós estávamos compran-



Gardênia e João Castelo no casamento em 30/04/1959.
Foto: Arquivo pessoal de Gardênia Gonçalves

do para morar aqui em São Luís não cabiam, não comportavam na casa lá de Coroatá, porque a casa que nós íamos morar aqui era aquela casa grande, da rua do Passeio, que era dele, e hoje é o Colégio Henrique de La Roque. Então, nós levamos algumas coisas, algumas peças, e ele voltou, nos casamos e passamos três dias no Olho d'Água. Nossa lua de mel foi de três dias no Olho d'Água e aí viajamos de trem para Coroatá.

Chegamos lá ao meio-dia, sol a pino, o gerente do Banco estava lá na Estação com outros funcionários do Banco e nos levou até em casa debaixo de foguetes. Eu nunca tive tanta vergonha na minha vida como aconteceu nesse dia. Eu na rua de Coroatá, a principal rua de Coroatá, o carregador com a maleta na cabeça, o Dois, como ele era chamado, e os colegas de Banco de João tocando foguetes até chegarmos em casa (risos).

Euclides: Mas, por que?

Gardênia: (Risos) Porque era moda. A recepção era no trem. Ninguém tinha carro, a gente ia a pés mesmo, tudo era perto e a alegria da chegada eles queriam externar tocando foguetes para o jovem subgerente da agência do Banco da Amazônia, recém-casado, levando a jovem esposa a tiracolo (risos).

Euclides: E a senhora gostou desse período em Coroatá?

Gardênia: Foi muito interessante o período em Coroatá. Lá, eu fiquei grávida do meu primeiro filho, do Thales, mas ele veio nascer aqui em São Luís e foi um período muito bom de aprendizagem porque eu saí da escola. Eu só fazia estudar, não

tinha nenhuma outra obrigação a não ser estudar, e casei para tomar conta de uma casa, aí eu fui aprender tudo aquilo que eu não havia tido tempo e nem oportunidade de aprender antes.

Eu fui aprender a cozinhar, a lavar prato, porque eu tinha uma pessoa que me ajudava, mas por um motivo ou por outro ela não aparecia e eu tinha que assumir a casa. E, era muito interessante, eu filha única, ele filho único, e todos dois muito manhosos, mas numa hora dessas, nem eu, nem ele, tínhamos experiências de ser os mandantes da casa. Então, eu assumia meu papel de dona de casa, e ele ia para o mercado, de tamanco, fazer as compras como era costume lá. Nessa época em que me casei e fui morar em Coroatá, mulher não ia ao mercado, era o homem, e ia de tamanco porque lá era muito sujo, tinha muita água empossada, tinha muita lama, então ele ia de tamanco. Saíam, ele e o gerente, que morava ao lado, os dois para fazer as compras do dia. Diariamente tinham que ir ao mercado. Mas foi muito interessante essa época.

De Coroatá, depois que o Thales nasceu, nós nos mudamos para Codó. Lá, engravidei da Gardeninha, dando à luz em São Luís, voltando com eles pequenos para o interior e assim foram oito anos no interior do Maranhão. Três anos em Coroatá e cinco em Codó.

Euclides: A senhora só teve um casal de filhos?

Gardênia: O Joãozinho veio depois, quando eu morava em Belém. Seis anos depois que a Gardeninha nasceu, nós já estávamos morando em Belém¹¹. João já era, então, diretor do Banco

da Amazônia. No Banco, onde ele foi escrevente, escriturário, subgerente, gerente, era agora diretor; mas a sede da Diretoria ficava em Belém. De Codó, viemos para São Luís. Ele veio para a gerência em São Luís e nessa ocasião ele foi indicado pelo Presidente Castelo Branco para ser um dos diretores do Banco da Amazônia e aí nós fomos morar em Belém. Lá, eu engravidei do Joãozinho, que é o mais novo dos filhos.

Vou me referir neste pedaço sobre babás. Babás, não as tive. Mamãe não confiava. Minha avó dizia que ela tinha amor desordenado. Eu não podia adoecer porque ela ficava mais doente do que eu. Papai ajudava quando estava em casa para ela descansar um pouco. Fora daí, ninguém mais. Alguma irmã dela, alguma tia que chegava, ajudava também. De doença grave, eu só me lembro de uma tal *pielite bacilar*. Minha mãe contava que essa doença foi gravíssima e que eu só fui salva por causa de um remédio que veio do Rio de Janeiro. Se não tivesse vindo esse remédio, eu não teria escapado dessa tal *pielite bacilar*. O médico, era um médico de Teresina. Eu tive que ir a Teresina, para a casa da minha tia Sinhá. Recorrentemente, eu tenho que falar da minha tia Sinhá, porque ela fez parte muito importante de minha vida. E lá eu fiquei boa.

Chupeta? Chupei até os dois anos de idade. Como eu era manhosa e chorona, a minha mãe deixava. Mas ela me conta que nessa época eu morava em Flores, que hoje é Timon¹².

Meu pai estava trabalhando lá em Flores, bem pertinho de Teresina. Maranhão é dividido do Piauí pelo rio Parnaíba, e a

gente gosta de dizer que o rio Parnaíba não divide o Maranhão do Piauí, ele une. Eu tinha mais ou menos uns dois anos, quando uma vizinha muito amiga, que tinha um cachorro, viajou e deixou o cachorro lá em casa. Então, o meu pai viajando, pois nessa época ele viajava para inspecionar também as outras coletorias, minha mãe ficou só comigo e o cachorro comeu minhas cinco chupetas. Naquele tempo a gente não chamava chupeta, era pipo, né? E o cachorro quando comeu a quinta chupeta, mamãe disse: “Olha, minha filha, não vou mandar mais comprar outro pipo para você. Você hoje vai dormir sem chupeta. Até porque você está ficando grande e os seus dentes daqui a pouco vão ficar defeituosos, então você hoje não chupa mais. A partir de agora não chupa mais a sua chupetinha.”

Aí, eu concordei, mas quando foi à noite, na hora de dormir, eu chorava baixinho. Então eu pedia: “Ô mamãe, manda comprar uma chupetinha, um pipinho para mim.” Mas, a partir daí deixei de usar a tal chupeta que tanto bota a boca defeituosa nas crianças.

Nós moramos, nessa ocasião, em várias cidades do Maranhão. Meu pai trabalhou em Flores, que é Timon hoje. Trabalhou em Caxias.¹³ De Caxias, voltou para Flores. Depois, ele trabalhou em Barão de Grajaú, defronte da minha terra natal, Floriano. Nessa ocasião, em que ele trabalhou em Barão de Grajaú,¹⁴ a nossa residência era em Floriano.

Ele ia e voltava, atravessava o rio Parnaíba todo dia para o trabalho. Moramos também em Bacabal. E moramos por último

em Pedreiras. Finalmente, nos mudamos para São Luís. Bacabal¹⁵ foi uma passagem rápida.

Eu tinha muito medo, a minha mãe também. Bacabal naquela ocasião era considerada uma cidade violenta, um garimpo. Meu pai foi substituir lá um coletor, que parece não deu certo, mas a gente sabia das questões políticas. Aquelas disputas... Então meu pai era muito cuidadoso, e, nas idas e vindas, por conta desses problemas políticos, percorremos várias cidades no interior do Maranhão.

Eu era pequena e praticamente não saía de casa, e eu me lembro que meu pai gostava de tomar banho no rio Mearim e, às vezes, me levava. A gente tomava banho nesse rio, que ficava próximo. E me lembro também que à noite a gente tinha que acender uma fogueira de chifre de boi (pausa) para espantar as muriçocas que eram de uma quantidade tremenda.

Ele se sentava numa cadeira preguiçosa, forrava o colo, me sentava no colo dele e cobria as minhas pernas, isso para a gente enfrentar aquele calor que existia em Bacabal, para não ficar dentro de casa, ficávamos na porta da rua olhando algum movimento que era raro durante a noite, algumas pessoas passavam e paravam para bater um papo. E a maior lembrança que eu tenho de Bacabal é esta: a do rio Mearim onde a gente, às vezes, ia tomar banho, das muriçocas e das noites que a gente enfrentava com os chifres de boi queimando para afastar as muriçocas

É claro que eu tinha que dormir numa rede coberta com um mosqueteiro. Mosqueteiro era uma capa que era feita com filó

que cobria todo aquele pedaço, aquela rede onde eu dormia e a cama onde eles dormiam para que as muriçocas não atacassem a gente durante a noite. Só com mosqueteiro a gente podia dormir. Isso eu me lembro de Bacabal da época em que passei lá.

Euclides: Como é que foi sua vida em Flores?

Gardênia: Eu era muito pequena. Nessa época eu ia muito a Teresina. Minha mãe me conta que eu tinha um coleguinha que gostava muito de morder e ele adorava brincar comigo e eu com ele, mas nós não podíamos brincar. Eu terminava sempre chorando porque ele terminava querendo sempre me dá uma dentada. E minha mãe, nem pensar... Me morder, nem pensar. Meu pai, muito menos. Então, eram cuidados redobrados.

Eu não gostava de comer. Eu me lembro que nunca fui de comer. Então, mamãe tinha uma vizinha e eu gostava muito dela. Quando eu ia para a casa dessa vizinha, eu comia direitinho. Então, essa concessão mamãe fazia, me mandava para a casa da vizinha e mandava o almoço depois para eu comer tudo e voltar para casa bem alimentada.

Euclides: São Luís é uma cidade lendária. Além da serpente encantada, há lendas em torno da perversa Ana Jansen. Essas histórias lhe eram contadas? Tinha medo de ouvi-las antes de dormir? Ou para a menina Gardênia isso era indiferente?

Gardênia: Olhe, eu comecei a me interessar pela história de São Luís quando vim para cá. Depois, quando já estava mocinha, comecei a ler os livros de Josué Montello... [tenta lembrar o nome do livro] *Os tambores de São Luís*. Eu li também ... (pausa).

Eu gostava de ler os livros de Bernardo Almeida, com temas que me encantavam pelos mistérios.

Outro lugar que me encantava, que eu gostava de chegar lá, às vezes, aos domingos, era a praça Gonçalves Dias, ou Jeni-papeiro, que fica ali ao lado da Beira Mar. Tudo aquilo ali era assim... São Luís me encantava nesse sentido, seus mistérios, seus lugares interessantes. Eu me impressionava muito com algumas histórias da cidade, como os túneis subterrâneos que ligavam a Igreja do Carmo à Fonte do Ribeirão e outros locais. Têm ainda as lendas de uma serpente dentro daqueles túneis subterrâneos. Eu gostava muito de passear na Fonte do Ribeirão, ficar ali olhando aquelas carrancas. A Fonte das Pedras era outro lugar que me encantava muito.

Já mocinha, eu comecei a tomar interesse, gostava muito de ir à Praia Grande ver os sobradões, fazer compras no *Lima Farias*, porque, na minha época, ainda juvenzinha, ali na Praia Grande tinha um variado comércio e eu ia com a minha mãe ao *Lima Farias*, um armazém grande que vendia tecidos, muito tecido bom de algodão das fábricas de algodão que nós tínhamos ainda aqui naquela ocasião. Então, gostava de descer aquelas escadarias que dão na Praia Grande, ali ao lado da rua de Nazaré. Então, eu sempre admirei São Luís e a coisa que eu mais gostava era ver [quando ainda não existia o Edifício do BEM] a praça João Lisboa. Linda, linda!

Quando chovia tudo ficava coberto de água e, em pouco tempo, havia um escoamento que era perfeito. Como já disse, o Centro de São Luís tinha um serviço de drenagem espetacular,

depois das chuvas torrenciais, que sempre aconteceram aqui na Ilha, a água escoava toda sem dificuldades. E eu ficava admirada olhando aquilo, a praça, a chuva caindo e aqueles sobrados bonitos.

Ali ocorreu aquele episódio interessante da Greve de 1951, quando o povo ficava reunido em frente ao sobrado da família Machado [então morando ali o poeta Nauro Machado, com seus 16 anos, sobrinho do famoso político Lino Machado, um dos líderes da Greve de 51, deputado federal, médico, oficial do Exército e proprietário de um jornal de oposição, muito popular, O Combate]. Naquela praça ficava também a Igreja do Carmo, muito bonita. São coisas da minha infância.

Quando eu ia à missa aos domingos, ia a pés. Voltava pela praça João Lisboa, ia à missa da Igreja da Sé e voltava pelas calçadas da praça João Lisboa. Tinha uma casa que vendia bombons, chamada Fonte Maravilhosa. Então, a gente parava para comprar bombom *Pipper* na Fonte Maravilhosa. Tinha o Moto Bar que vendia aquele sanduíche gostoso de presunto, de fiambre, como eles chamavam. Geralmente, também quando não ia à missa pela manhã, a gente ia às matinais do Éden, ou do Roxy (cinemas). Meu pai só concordava que eu fosse ao cinema uma vez por semana. Meu pai, como já disse, era muito severo. Ele tinha uma preocupação muito grande por eu ser filha única, e ele ficava preocupado que eu ficasse cheia de vontades, mal criada, então a educação era severa.

Como já disse, eu era muito atrevida. Tinha resposta na ponta da língua para tudo, para tudo que acontecesse. Mas eu

acho que hoje, depois de tudo que passou, acho que foi muito importante a educação que eu tive, essa educação severa do meu pai, porque me ensinou a enfrentar certas situações na minha vida que foram muito difíceis.



Gardênia e João Castelo em Coroatá (1960).
Foto: Arquivo pessoal de Gardênia Gonçalves

THALES SOGRO E THALES FILHO

Euclides: Por que o seu primeiro filho foi chamado Thales?

Gardênia: O nome de Thales. Colocaram Thales porque o meu sogro era Thales do Amarante, porque nasceu em Amarante, no Piauí. Engraçado, a família de João é Ribeiro Gonçalves, é do Piauí. Agora, Castelo Branco era daqui do Maranhão. Aliás, essa família Castelo Branco, ela se espalhou no Brasil inteiro, tem no Ceará, pois o presidente Castelo Branco é da mesma família.

Mas a família de João estava em Caxias, João nasceu em Caxias. Embora o meu sogro tenha vindo do Piauí muito jovem, ele era telegrafista. Ele começou como telegrafista em Caxias. Não, não, não, ele começou como telegrafista aqui em São Luís, depois fez o curso de Direito, formou-se em Direito, aí ele foi ser Juiz em Caxias. Lá em Caxias ele conheceu Dona Antonieta, minha sogra, e lá eles se casaram e o João nasceu em Caxias. Quer dizer, a família de João tem uma parte piauiense e outra parte maranhense. A Ribeiro Gonçalves do Piauí e Castelo Branco aqui do Maranhão. Então, o nome do meu sogro era Thales do Amarante porque nasceu em Amarante, no Piauí, lembrando o sábio grego Thales de Mileto, ele era Thales do Amarante Ribeiro Gonçalves.

Quando nasceu o meu filho, ele já havia falecido, e nós só colocamos Thales Ribeiro Gonçalves. Era o nome dele. E a gente chamava Thales, mas foi assim uma homenagem que a gente

pôde prestar ao doutor Thales que, quando morreu, com quarenta e quatro anos, deixou o meu marido apenas com doze anos. Morreu de repente. Ele era desembargador já nessa época e minha sogra e João passavam as férias em Caxias.

Minha sogra sempre foi assim ligadíssima a Caxias. Ela era a matriarca da família. Ela ajudava o pai dela, o coronel João Castelo, em tudo. E, sempre que ela podia, ia para Caxias na época das frutas para fazer os doces da época, ela gostava de fazer o doce de cajuí. O cajuí (caju pequeno) é uma fruta nativa, nasce espontaneamente naquelas chapadas, não precisa nem de terra boa para o cajuí crescer e se multiplicar. Então, ela ia fazer o doce de cajuí e também o doce de... todos estes doces gostosos que nós conhecemos da região, bacuri, na época do bacuri, goiaba, laranja, doce de figo. Ela fazia um doce de figo maravilhoso, de figo verde, os figos geralmente eram cultivados nos quintais lá em Caxias, na casa onde eles moravam e ainda hoje está lá a casa onde todos nasceram.

João nasceu nessa casa. No largo de Santa Luzia, Dona Antonieta fazia esses doces para a família inteira e para durar o ano todo. Na época de férias também ela ia para lá, com João e o doutor Thales. No fim do mês de julho, dia 28 de julho, era aniversário da tia Berenice, tia de João, irmã mais nova de minha sogra, Doutor Thales ia daqui de São Luís, de trem, para Caxias, para o aniversário da cunhada e trazer a família de volta das férias no início de agosto.



Sogro Thales do Amarante Ribeiro Gonçalves e sogra D. Antonieta com João Castelo aos 5 anos. Foto: Arquivo pessoal de Gardênia Gonçalves

No trem, ele passou mal em Coroatá. Aí ele desceu, ficou na estação passando mal. Mandou procurar um médico, não tinha nenhum na cidade, nessa ocasião. Veio uma amiga dele, chamada Maroca, dona de uma pensão, para socorrê-lo. Lá mesmo, na Estação de Coroatá, ele faleceu.

Minha sogra estava preparando os bolos, os doces da festa do dia seguinte, aniversário da Berenice, quando chegou uma pessoa, parece que da Estação, com mais alguém, para conversar com ela. Ela teve um pressentimento na hora que eles entraram, perguntou: “Aconteceu alguma coisa com o Thales?” Aí, eles disseram: “Infelizmente, ele faleceu na Estação de Coroatá.”

Ele era muito amigo do Governador, acho que era o Eugênio Barros, caxiense. Imediatamente providenciaram um carro de linha para levar o corpo de doutor Thales. Era um carro especial que, às vezes, as autoridades usavam por ser mais rápido. Não era aquele trem Maria Fumaça que tinha horários de passar. Então, o carro de linha foi levar o corpo do doutor Thales para Caxias.

Euclides: Pela estrada de ferro?

Gardênia: Sim, pela estrada de ferro. João me disse que ele estava cortando o cabelo, estava no barbeiro cortando o cabelo, tinha doze anos, quando foi chamado. Mas não deram a ele essa notícia. Disseram que voltasse para casa imediatamente. Mas ele disse que pressentiu que alguma coisa grave tinha acontecido e veio correndo para casa para receber a notícia da morte do pai. Então, foi assim que aconteceu.

Euclides: A família Ribeiro Gonçalves era de políticos?

Gardênia: Alguns deles foram políticos importantes. O coronel João Castelo que era o avô materno de João e que era uma pessoa muito bem estabelecida lá em Caxias, gostava muito de política, gostava dos políticos, se dava muito bem e minha sogra também gostava de política. A minha sogra se interessava muito. Ela era o braço direito do pai e era quem o apoiava em tudo. E o doutor Thales, acho que por conta disto, também tinha uma boa relação de amizade com os políticos. Interessante que João nasceu lá nessa casa, uma casa grande, com capela, onde todos os filhos do coronel João Castelo nasceram. A minha sogra era a mais velha dos irmãos. Todos nasceram em Caxias e se casaram na capela, chamada de Santa Luzia. João nasceu lá, nessa casa, e em Caxias. Minha sogra não sabe se ela ainda estava morando lá, acho que estava, quando o João nasceu. Então, quando colocaram o nome todo do João, o pai dele, o doutor Thales, disse assim: João Castelo Ribeiro Gonçalves é um nome bonito, é para ser governador do Estado. Ele teve aquele pressentimento na hora em que o filho nasceu. Infelizmente morreu muito jovem, com quarenta e quatro anos, e não viu nada disso que aconteceu depois. Mas ele leu assim e disse para dona Antonieta: “Olha Antonieta, João Castelo...”

Ele pegou o nome dos dois avós paternos, João Castelo – que era o pai de Dona Antonieta – e Ribeiro Gonçalves – que era o pai do doutor Thales. João Ribeiro Gonçalves, pai do doutor Thales, nasceu na cidade do Amarante¹⁶, no Piauí, defronte de

São Francisco do Maranhão, com o rio Parnaíba dividindo aquelas duas cidades, uma do Piauí, Amarante; e outra do Maranhão, São Francisco.

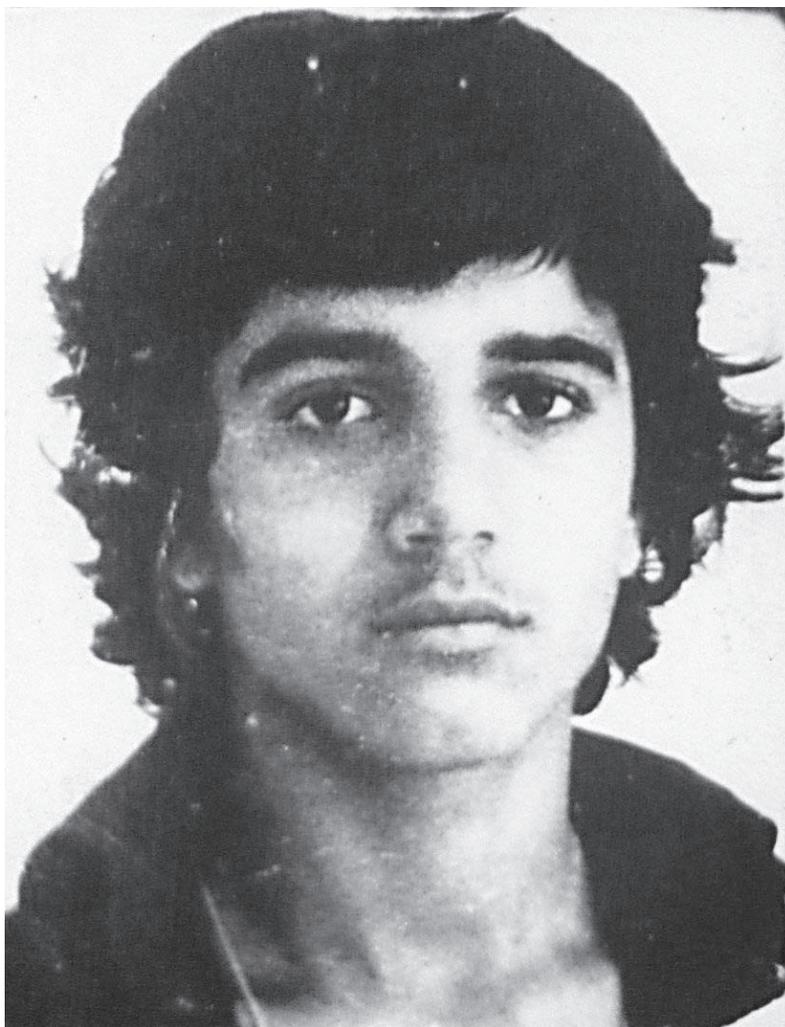
A cidade de Amarante tem esse nome porque foi fundada por uns portugueses, esses Ribeiro Gonçalves, que vieram da cidade de Amarante, que existe em Portugal. Esses portugueses se instalaram naquela região que hoje é uma linda cidade. Antes, eram terras devolutas que existiam e eles implantaram fazendas, depois surgiu a cidade. Colocaram o nome de Amarante porque eram procedentes da cidade de Amarante de Portugal.

Euclides: Amarante fica aproximadamente a 100 quilômetros antes de Floriano.

Gardênia: É verdade. Foi nessa época que meu pai, trabalhando no Maranhão, em Barão de Grajaú, foi morar em Floriano... Ele ia todo dia para Barão de Grajaú, atravessando o rio Parnaíba para ir trabalhar. Então eu, durante muito tempo, tive uma ligação muito grande com o Piauí. Minhas origens todas são do Piauí, pois eu vinha dessa ligação. Depois, o tempo foi passando, João, maranhense, foi candidato, entrando para a política.

Antes do casamento, eu vim para São Luís e estudei o tempo todo no Colégio Santa Teresa, das Irmãs Doroteias. E quando me casei, eu me casei com dezenove anos, tinha terminado o curso Científico. O meu casamento foi uma tristeza muito grande para meu pai, porque ele dizia que tinha o sonho de me ver formada. Ele dizia que eu ia ser advogada, ele queria que eu fosse advogada, que eu ia ter uma placa na porta da casa: “Maria Gar-

dênia Feitosa Santos – causas cíveis e criminais.” Ele ficou muito triste quando eu resolvi interromper e casar, porque eu fui morar no interior do Maranhão, fui morar em Coroatá. Aí, eu parei de estudar e meu pai ficou muito triste.



O filho Thales aos 13 anos. Foto: Arquivo pessoal de Gardênia Gonçalves

ENVOLVIMENTO COM A POLÍTICA

Euclides: Na sua família tinha políticos?

Gardênia: Não. Não tinha políticos. Aliás, meu pai era funcionário público. Naquela época, não podia haver muito a manifestação, o funcionário público, o bancário.

João era bancário, suas convicções políticas não podiam ser abertamente externadas, a gente não podia externar as opiniões, nem o bancário e nem o funcionário público. Eles tinham que ser discretos. Então, não tinha envolvimento nenhum com a política.

Euclides: Como surgiu então a política na vida de vocês?

Gardênia: Por causa da família de João. Minha sogra, como eu já disse, ajudava o pai, o coronel João Castelo que era muito ligado aos políticos da época e ela também.

João começou a trabalhar aos 16 anos como Oficial de Gabinete do prefeito Carlos Vasconcelos, depois foi funcionário do Estado na Secretaria de Fazenda. Logo em seguida passou a fazer parte do quadro do Banco da Amazônia, onde fez carreira.

A amizade com José Sarney veio dos pais. O Desembargador Sarney e o Desembargador Thales, pai de João, eram colegas e amigos.

Quando Dr. Thales faleceu João tinha 12 anos e dona Antonieta ficou com uma pensão irrisória, equivalente hoje a cin-

quenta reais. Ela batalhou muito para melhorar essa situação, foi quando José Sarney, já advogado, começou a ajudá-la nessa empreitada, para equiparar sua pensão às pensões das viúvas de desembargadores.

Euclides: E Sarney conseguiu?

Gardênia: Eu sei que ele ajudou. Foi uma luta muito grande, demorada. A minha sogra era uma pessoa muito obstinada, quando queria alguma coisa que considerava de seu direito, era muito determinada. João puxou para ela, tinha essas qualidades. Dona Antonieta não descansava, visitava os desembargadores e corria atrás para atingir seus objetivos.



D. Antonieta e Dr. Thales do Amarante, pais de João Castelo.
Foto: Arquivo pessoal de Gardênia Gonçalves

TEMPORADA EM CODÓ

Euclides: Fale mais dessa relação de amizade com José Sarney.

Gardênia: Já estávamos morando em Codó, quando Sarney foi candidato a governador do Estado apoiado pelas oposições coligadas. João, bancário, não podia se manifestar. Naturalmente que ele tinha amigos. João era amigo dos três candidatos, portanto ele tinha alguma ligação.

Tinha o Costa Rodrigues, que era amigo também do doutor Thales, permanecendo a amizade com a minha sogra. Tinha o Sarney, que era também amigo. E tinha o Renato Archer, que não tinha muita ligação, mas como nós morávamos em Codó – e o Renato era de Codó – a gente tinha um conhecimento com todos os três. Mas João era funcionário do Banco da Amazônia, não se manifestava.

Era muito interessante. Nessa ocasião, o nosso filho Thales tinha cinco anos, menos um pouco, quatro; a Gardeninha tinha três, e por conta dos vizinhos, uns apoiando o Renato Archer e outros apoiando o Costa Rodrigues, o Thales manifestava o desejo dele dizendo que ia votar no Renato – ele falava isso com a inocência de criança, nos seus quatro a cinco anos, a Gardeninha escolheu o Costa Rodrigues. Ela o chamava de “o meu Costa”. E nós ficávamos calados.



Gardênia e João Castelo, em Codó-MA (1960).
Foto: Arquivo pessoal de Gardênia Gonçalves



Aniversário de 5 anos de Thales, em Codó-MA.
Foto: Arquivo pessoal de Gardênia Gonçalves

Na realidade, a gente ia votar era no Sarney (risos). Eu e João, os eleitores, né? Mas nós ficávamos calados. Mas quando chegava o Renato, João dizia: “Eu quero olhar o Renato, eu quero ir ver o comício do Renato”, nós levávamos o Thales para ver o comício do Renato. E quando o Costa Rodrigues ia fazer o comício dele, nós procedíamos da mesma maneira com a Gardeninha. Ela dizia assim: “Eu quero ver o meu Costa.” Me lembro que nós fomos à praça onde tinha um cinema, não sei se ainda tem esse cinema, lá foi o comício do Costa Rodrigues. Nós fomos com ela – Gardeninha – e ela, bem pequenininha, ainda no braço, queria ver o comício do Costa. E João se dava com o Costa Rodrigues na época da primeira mulher dele, Maria José, que morreu. Ela era muito amiga de minha sogra. E nós fomos até ele. Aí ele deu umas lembrancinhas, uns pentezinhos de sua propaganda para Gardeninha. Aquilo foi a glória para ela. Voltou para casa felicíssima com o candidato que ela chamava “o meu Costa” (risos), isso foi em Codó.

Mas não pretendíamos ser políticos. Eu mesma não queria saber de política não. Aí nós deixamos a gerência da agência do Banco da Amazônia, em Codó, pois João foi transferido para ser o gerente da agência aqui em São Luís.

TEMPORADA EM BELÉM DO PARÁ

Euclides: Como foi para João Castelo chegar a Diretor do Banco da Amazônia, em Belém?

Gardênia: Nessa ocasião, o Sarney já era governador. O presidente da República, que era o Marechal Castelo Branco, mandou pedir ao Sarney que indicasse um nome para uma das diretorias do Banco da Amazônia e João foi escolhido. Ele já era o gerente da agência de São Luís. Nessa época, São Luís tinha só uma agência do Banco da Amazônia. Depois, foi criada outra e, para ela, João tinha sido nomeado gerente. Depois o Sarney indicou-o para ser um dos diretores do Banco da Amazônia, aí nós fomos para Belém, ele para a diretoria do Banco da Amazônia.

Eu me lembro que fiquei muito triste porque tinha morado oito anos no interior depois que casei. Foram três anos em Coroatá e cinco em Codó. O meu desejo era morar em São Luís, perto da minha mãe, do meu pai, dos meninos aqui, junto da família, aí tivemos que sair três meses depois de chegarmos aqui, tivemos que nos mudar para Belém.

Aí eu fui com Gardeninha, ela tinha quatro anos, e Thales que tinha mais ou menos cinco anos, morar em Belém.

Euclides: Quanto tempo a senhora morou em Belém?

Gardênia: Nós moramos em Belém cinco anos. João foi diretor do Banco da Amazônia cinco anos. Nesse período, ele co-

meçou a se interessar pela vida política. João no Banco da Amazônia... Ele era apaixonado pelo Banco da Amazônia.

Eu dizia assim: “João, para ti em primeiro lugar vem o Banco.” Porque ele se dedicava em tempo integral. Depois do Banco da Amazônia, é que ele chegava a mim e aos meninos. Ele não gostava que eu dissesse isso, mas na realidade ele tinha um interesse imenso pelo Banco da Amazônia.

Como diretor do Banco, procurou expandir agências desse Banco aqui no Estado do Maranhão. Inaugurou várias agências em várias cidades do Maranhão, inclusive nessa ocasião ele conseguiu ampliar a ação do Banco da Amazônia, implantando uma agência no Rio de Janeiro e outra em Brasília. Ele foi um diretor, modéstia à parte, muito atuante. Ele era o diretor de Crédito Geral e, em alguns momentos, assumiu a presidência do Banco. Mas a carteira dele, era a do Crédito Geral.

Procurou ampliar a ação do Banco da Amazônia no interior, aqui no interior do Maranhão e foi ele que, nessa ocasião, mandou construir casas aqui em São Luís para os funcionários do Banco, aquele conjunto de casas, conhecido como conjunto Residencial do BASA, no bairro do São Francisco.

Foi a época em que o Sarney construiu aquela ponte, a Ponte de São Francisco, que depois deram o nome de Ponte José Sarney. Aliás, foi inaugurada com o nome de Ponte José Sarney porque foi uma das obras do seu governo, isto é, foi uma obra do governo Sarney. Essa ponte facilitou o trânsito ali, porque antes



João Castelo, Gardênia e o filho Thales.
Foto: Arquivo pessoal de Gardênia Gonçalves



Batizado de João Filho na Basílica de N.Sa. de Nazaré, em Belém-PA.
Foto: Arquivo pessoal de Gardênia Gonçalves

a gente ia e vinha para a Ponta d'Areia de barco, que era outra coisa fantástica para mim.

Imagine você pegar o barco para vir para a Ponta d'Areia, era uma coisa fabulosa, e para criança aquilo era uma aventura muito grande vir para a Ponta d'Areia de barco. No governo de Sarney, ele construiu aquela ponte e facilitou a expansão da cidade para o lado das praias e João aproveitou, nessa época que estava na diretoria do Banco, e fez o conjunto de residências para os funcionários do Banco que se chamou BASA. Ainda hoje está lá o BASA com as casas, algumas reformadas, outras ainda como foram construídas, mas um conjunto aos funcionários do Banco da Amazônia.

Euclides: Depois desses cinco anos em Belém, vocês retornam a São Luís?

Gardênia: Bom, aí ele pediu, na época da eleição de 1969, ou 1970, ele pediu para se afastar da diretoria do Banco e veio para ser deputado federal. Nessa ocasião, Sarney disse assim: "Castelo, você é um nome conhecido no Maranhão inteiro, então você deveria ser candidato a deputado federal."

João, quando foi gerente no interior do Estado, em Coroa-tá e Codó, fez um trabalho eficiente, atuante, também fez amizades no interior do Estado. Em toda aquela região onde o Banco da Amazônia tinha influência, ele fez amizades, plantou a semente com o seu trabalho.

A DECISÃO DE ENTRAR PARA A POLÍTICA

Euclides: Como foi a campanha para a eleição dele?

Gardênia: Então, João tinha um lastro que lhe rendeu dividendos políticos muito bons e depois, como diretor do Banco da Amazônia, ele trabalhando em todo Estado, abrindo aquelas agências e fomentando crédito, que não existia praticamente naquele tempo, crédito para os agricultores, para os comerciantes da época, para as indústrias no interior do Estado, por exemplo, em Codó tinha a indústria de beneficiamento do algodão, do babaçu. Então, ele criou laços que facilitaram muito a entrada dele na política.

Aí, ele deixou o Banco para ser deputado federal e foi eleito, o mais votado do Estado. E aí começou também a minha história na política. Porque aí eu fiquei quase louca quando ele decidiu deixar o Banco para ser candidato. Eu chorava e dizia: “João, pelo amor de Deus, nós nunca nos envolvemos com política, meu pai nunca se envolveu com política, eu não tenho nada a ver com política. João, bom é ser amigo de político, não é ser político.

Mas não adiantou. Ele foi candidato e eu fui praticamente jogada na política para fazer a campanha dele aqui em São Luís. Aí, eu, com mais cinco mulheres, num carro aero willys, me lembro como se fosse hoje, rodei esta Ilha de ponta a ponta pedindo voto para João Castelo (risos).

Pedia voto pro Castelo para deputado federal, e para o Sarney, candidato a senador, porque este estava deixando o governo para ser candidato a senador. Conheci a Ilha toda, de ponta a ponta. Havia lugares que o carro, às vezes, não podia nem passar direito, porque tinha riachos pelo meio, mas eu percorri a Ilha toda, conheci tudo, fiquei encantada com a São Luís que até então não conhecia.

Eu não conhecia o interior da Ilha, a beleza do Maracanã, a beleza do rio dos Cachorros, a beleza lá da Vila Maranhão, toda esta Ilha que conheci de ponta a ponta. E aí foi que eu comecei a me apaixonar mais por São Luís. Foi a partir daí que eu fiquei conhecendo a Ilha, andando nesse carro e onde chegava fazia uma reunião improvisada. Às vezes eu subia num banco, num tamborete, para explicar quem era o candidato João Castelo.

As pessoas ainda não o conheciam. O povo de São Luís não o conhecia, ele estava entrando direto na política. Sarney não, tinha sido governador do Estado. Inclusive, o Banco da Amazônia, com um diretor maranhense, ajudou muito o Sarney como governador em várias situações, apoiando-o com recursos, ajudava o Sarney quando ele precisava. Então eu ia contar para as pessoas quem era o João Castelo, o trabalho que ele havia feito como profissional e funcionário público do Governo Federal, como funcionário do Banco da Amazônia.

O trabalho que tinha feito de ajudar, tanto no interior do Estado, como aqui na capital e que, naquele momento, ele queria desenvolver por meio da política, como deputado federal, re-

presentando o Maranhão na Câmara Federal. E assim era o meu discurso. Eu dizia sempre para as pessoas: “Olha, eu não sou política. É a primeira vez que eu me envolvo num meio político. Eu sou uma pessoa que só gosto de falar aquilo que eu sinto e que eu acredito. Então, estou aqui hoje pedindo voto para João Castelo, que é meu marido. Mas se daqui a quatro anos eu achar que ele não correspondeu às minhas expectativas, não voltarei a pedir voto para ele. As minhas expectativas em relação ao trabalho dele, eu acho que são as expectativas do eleitor, portanto são as expectativas de vocês.” Eu repetia: “Se ele não corresponder ao que se propôs, eu não voltarei mais aqui para pedir voto para ele.” Eu colocava assim. E ele teve uma votação excelente aqui na Ilha. Aqui, quem fez a campanha dele na realidade fui eu, com essas mulheres, umas cinco mulheres, umas já estão idosas, doentes.

Euclides: A senhora lembra o nome delas, das cinco amigas que fizeram a campanha de João Castelo para deputado federal?

Gardênia: Me lembro. Maria Ferreira, Maria José, Maria Antônia, essas três eu não esqueço. E foi muito interessante porque eu fiquei conhecendo. Eu conhecia São Luís da época que eu estudava no Colégio Santa Teresa, porque lá eu fazia um trabalho social. Eu era da Juventude Estudantil Católica e fazia trabalho social na periferia de São Luís, mas não passava dos bairros de Mata Roma (que hoje é o bairro Apeadouro), ali próximo ao Monte Castelo. Eu ia visitar os pobres dali, pessoas mais humildes, para conversar, para atender, para ver as necessidades, eu

fazia esse trabalho. Fazia esse trabalho também ali pelo Sítio do Meio. Depois, quando João era diretor do Banco da Amazônia, eu tinha umas amigas aqui que faziam um trabalho lá no Sítio do Meio, a Dulce Colares Moreira, filha de um político, também oficial do Exército, Coronel Colares Moreira. Eu ajudava a Dulce nesse trabalho ali no Sítio do Meio. A periferia de São Luís era isso, era o Anil, o Filipinho, o João Paulo... (tenta se lembrar dos outros bairros). Enfim, tudo era mais próximo, então eu conhecia.

Euclides: Ele foi candidato só uma vez a Deputado Federal?

Gardênia: Duas vezes seguidas. E duas vezes, o deputado mais votado do Estado.



O casal Gardênia e Castelo em companhia de D. Isaura.
Foto: Arquivo pessoal de Gardênia Gonçalves

EXERCENDO O PAPEL DE PRIMEIRA DAMA

Euclides: Como foi ser primeira dama do Maranhão?

Gardênia: Foi assim uma experiência belíssima e difícil, porque eu estava muito fragilizada com a morte do meu filho e eu dei de cara com graves problemas sociais do Estado, principalmente os mais próximos, aqui de São Luís, então eu queria resolver tudo, queria dar solução a tudo.

Então eu sofri um bocado, porque queria dar solução para todas as demandas que a mim chegavam. Mas eu consegui formar uma equipe muito boa, muito competente.

Assumi a Fundação do Bem Estar do Menor. Não havia uma Secretaria de Ação Social, especificamente. Tinha a Secretaria de Trabalho e Ação Social que o Dr. José Maria Cabral Marques assumiu. Depois, quando ele foi nomeado Reitor da UFMA, aí foi o Dr. José Bento Neves. João nomeou o Dr. José Bento Neves para assumir essa Secretaria. Eu fiquei encarregada pela Fundação do Bem Estar do Menor.

Cheguei lá e disse: “– Olha, eu não tenho experiência em Administração, mas vim para aprender com vocês.” Tinha uma equipe excelente de técnicos na Fundação do Bem Estar do Menor. Essa equipe me ajudou muito. Juntos, conseguimos fazer um trabalho bom.

Euclides: Já era na Madre Deus?

Gardênia: Ali mesmo na Madre Deus. E aí, a gente procurou fazer um trabalho com as crianças que viviam na rua, em São Luís.

Euclides: Dona Gardênia, eu sou testemunha do seu trabalho social, tão importante que, a partir dele, as Primeiras-Damas seguintes também começaram a fazer um trabalho social relevante, porque antigamente o papel delas era mais figurativo...

Gardênia: Não sei se fui eu quem começou esse tipo de trabalho, porque na época em que o Sarney foi Governador, Marly, junto com Mirtes Haickel, começaram um trabalho interessante, na linha social, que me inspirou, por isso dei continuidade a esse trabalho.

Procurei retomar porque a Delci, que veio depois... A Eney Santana se envolveu muito com a área cultural, o artesanato, fazendo também um trabalho interessante junto a presidiários numa oficina de trabalho no bairro do Desterro. Sei que a Delci gostava muito daquelas promoções sociais beneficentes.

Agora, esse trabalho com a criança, com o jovem, com o adolescente, eu procurei retomar quando assumi a presidência da Fundação do Bem Estar do Menor, realizando um trabalho mais efetivo, até porque, quando assumi, os problemas sociais de São Luís já estavam se avolumando; já havia alguns jovens na rua cheirando cola, já tinha crianças – não digo abandonadas – mas já havia muitas crianças que passavam o dia na rua, então isso era preciso cuidar, tomar providência. Nós não tínhamos ainda um juizado de menores em São Luís e, nessa ocasião, o

Tribunal de Justiça criou o primeiro Juizado do Menor. Nós procuramos dar uma sede adequada porque eles estavam num local inadequado. Nós conseguimos criar, nessa ocasião, uma recepção e triagem de menores, porque o menor quando era apanhado ou pilhado pela polícia, fazendo alguma coisa de errado, ia direto para delegacias comuns. Aí, nós criamos um atendimento especial para menores na rua Cândido Ribeiro.

Procuramos fazer um trabalho com o pequeno trabalhador, pegando aquelas crianças que trabalham ajudando na CEA-SA. Criamos uma novidade que deu certo, “*Os Cenourinhas*”, eles todos vestidos iguais, roupinhas amarelas, com a orientação dos técnicos da FEBEM para fazer aquele trabalho. As oficinas que haviam sido criadas na época do Governo Sarney, com Marly e Mirtes Haickel, nós reativamos por meio de todas as suas oficinas. Então, na nossa gestão, havia a oficina de marcenaria, de lanternagem, de impressão e serigrafia. Tudo isso nós reativamos, pois já estavam assim um pouco abandonadas porque, é como eu disse anteriormente, cada Primeira-Dama tinha um foco: a dona Eney, foi o foco da cultura, das artes; a dona Delci (esposa do Dr. Nunes Freire), fez um trabalho abrangente com eventos beneficentes.

Mas esse trabalho com a Fundação do Bem Estar do Menor estava um pouco relegado, em segundo plano, e nós retomamos e ampliamos, inclusive com muita dificuldade. Mas, com o apoio do Governador, conseguimos por meio do IBDF (Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal) uma cessão daquela área do

Itapiracó, com uma luta muito grande porque essas coisas são difíceis de conseguir.

Era uma área importante daqui da Ilha, uma área próxima do Itapiracó, cedida pelo Governo do Estado para esse trabalho com essas crianças de rua. A gente recolhia as crianças de rua, levava para lá de manhã, elas iam ter ali uma escola alternativa, a fim de aprenderem alguma coisa e plantar. Faziam uma horta e a produção dessa horta a gente comprava para a própria Fundação do Bem Estar do Menor, para os hospitais e o dinheiro era dividido com eles, com esses meninos.

Foi um trabalho interessantíssimo. Eu tinha lá no Itapiracó uma equipe multiprofissional, tinha assistentes sociais, psicólogos, pedagogos, agrônomos. A doutora Antônia, hoje é paisagista, naquela época ela era agrônoma e trabalhou nesse projeto conosco. Um francês, chamado Sebastião de Marchi, que tinha vindo de Coroa, também fez parte dessa equipe.

Então, a gente colocava os meninos para plantar o dia todo, dava alimentação e orientações escolares para que eles não ficassem totalmente sem um acompanhamento da educação formal. Era uma educação alternativa de acordo com as condições deles. Muitos deles lá chegavam drogados, de cheirar cola, e diziam assim: “Hoje eu tô com vontade de tirar sangue de assistente social.” Mas a gente tinha lá uma segurança. Eu sei que conseguimos reabilitar e evitar que alguns daqueles jovens se perdessem totalmente. Alguns, infelizmente, não. Morreram no meio dessa história. Mas muitos deles hoje, depois dessa minha



A primeira dama Gardênia em palestra.
Foto: Arquivo pessoal de Gardênia Gonçalves



Gardênia como Primeira Dama. Foto: Arquivo pessoal de Gardênia Gonçalves

passagem pela FEBEM, se encontram comigo, me chamam de minha mãe e dizem que, se não fosse o nosso trabalho, naquela ocasião, eles estariam perdidos.

Muitos viraram guias turistas. Eu fazia assim, levava-os para o Palácio dos Leões, a fim de passarem lá uma manhã, para almoçarem... Aquilo ali era uma glória. É claro que aqueles com mais dificuldade de interação social a gente não levava. Mas aqueles que estavam só começando essa vida de marginalidade a gente conseguiu, com esse tipo de trabalho, ajudar bastante. Mas a equipe que eu tinha lá era uma equipe excelente e foi um tempo de trabalho que produziu muito. Eu tenho assim essa recordação e essa satisfação com a sensação boa do dever cumprido.

E olha que eu tinha uma oposição. Tinha aqui um casal, uma promotora e um juiz, que era a doutora Helena Heluy, que mais tarde foi deputada, e o marido juiz, que me criaram muitas dificuldades, principalmente o Heluy, porque ele esperava chegar o final do dia, e isso antes da gente criar o trabalho no Horto Florestal – e também depois – ele catava as crianças que encontrava na rua e levava para a porta da FEBEM. Um dia, eu estava saindo de lá às 7 horas da noite – eu descia a escadaria – ele estava com os meninos sentados no meio-fio de lá, perguntando o que é que eu ia fazer com aquelas crianças. Quer dizer, é uma coisa que eu não tinha como resolver assim, era uma questão de família, do acolhimento que a gente procurava fazer no dia a dia. Mas aqui e acolá alguns escapavam, porque o problema do jovem que se habitua na rua é porque ele não quer ficar em casa.



A primeira dama Gardênia plantando uma árvore.
Foto: Arquivo pessoal de Gardênia Gonçalves

APARECE EDINHO

Euclides: E a história do Edinho?

Gardênia: É uma história interessante da época em que João foi candidato ao Senado, depois que ele saiu do Governo. Nos comícios aqui em São Luís, começou a aparecer um garotinho que subia no palanque e ficava do nosso lado.

Então, certo dia, ele disse assim: “- Dona Gardênia, a senhora me leva com a senhora hoje para a sua casa?” Eu disse: “- Mas, por que? Onde é a sua casa?” Ele disse: “- Não, eu moro ali no bairro do Lira. Aliás, eu não moro lá, eu durmo na Casa do Estudante. Meu pai bebe muito, minha mãe já morreu e minha irmã tá grávida, mas eu não gosto de ir lá, eu prefiro dormir na Casa do Estudante.”

Ele voltou a pedir: “- A senhora me leva com a senhora?”

Eu disse assim: “- Como é o seu nome, meu filho?” Ele disse: “- Meu nome é Edinho.” Eu disse: “- Pois eu vou lhe levar Edinho, você quer ir comigo? Não tem problema. Ninguém vai achar ruim?” Ele disse: “- Não senhora, eu durmo na Casa do Estudante.

Eu decidi: levei o Edinho lá para casa na época da campanha. Então, ele passou a ir todos os dias depois do comício; quando tinha comício aqui em São Luís, ele me acompanhava. Aí, depois, ele disse assim: “- Dona Gardênia, eu queria chamar

a senhora de mamãe.” Eu disse: “– Tudo bem.” Ele falou: “– A senhora me cria?”

Eu disse: “– Crio. E você quer morar comigo?” Ele disse: “– Quero.”

Aí eu procurei saber a história dele. Ele morava realmente na casa do pai, lá no bairro do Lira, tinha essa questão da irmã que estava grávida, diziam do pai que bebia. Aí eu comuniquei lá que ia tomar conta do Edinho. Terminou a campanha e ele ficou lá em casa. Já havia se entrosado com todo mundo. Ele me chamava de mamãe. João era o pai, Gardeninha a irmã e Joãozinho era o irmão.

Ele dizia, quando alguém chegava lá em casa, que conversava com ele, ele dizia assim: “- Eu tinha um irmão que se chamava Thales, mas ele morreu num acidente de moto.” E acrescentava: “– Eu não conheci o Thales, mas eu conheço ele pelo retrato.”

Quando tocava o telefone, ele corria para atender o telefone. Quando perguntavam quem era, ele dizia: “– Eu sou Edinho Castelo.”

Ensinei o Edinho a sentar à mesa com a gente. Aí, ele logo aprendeu a usar direitinho os talheres, gostava de dar ordens, chamava a empregada para servi-lo. Dizia: “- Fulana, faz o favor, bote aqui para mim e tal...” Ensinei-o a dizer: “- Faça o favor.” Aí ele, todo compenetrado, ia aprendendo.

Quando terminou tudo, eu tinha que ir ao Rio com João. Aí, disse assim: “- Mamãe... (nós estávamos em uma casa do Olho

D'Água. Não na minha, porque esta estava em reforma. Estávamos na casa de um primo de João, na mesma rua). Eu disse assim: “- Mamãe, a senhora fica aqui com o Edinho, que eu vou viajar com o João e depois vamos ter que ir à Brasília; eu vou levar o Edinho para Brasília, vou colocá-lo numa escola-parque, ele vai estudar lá, que é para ele se formar, ser um doutor. Mas a senhora fique aqui com ele esses dias, que quando eu voltar a gente começa a resolver essas coisas.

Aí, ela disse: “- Tudo bem, minha filha, eu tomo conta dele. Só quero que ele me obedeça. Eu respondi: “- Não, ele vai lhe obedecer.”

A essa altura, minhas amigas, encantadas com ele, levavam roupas boas para ele. Roupa dos filhos que já não serviam. Aí, ele me disse que a coisa que mais desejava na vida era ter um relógio. Aí, eu disse: “- Olha, eu vou ao Rio e, de lá, vou te mandar um relógio.” Aí, ele disse: “- Eu tenho um sonho de ter uma árvore de Natal. Eu nunca tive uma árvore de Natal na minha casa.”

Euclides: E a senhora deu uma árvore de Natal a ele:

Gardênia: Antes de eu viajar, comprei a árvore de Natal, apesar de não estar na minha casa, porque a minha casa estava em reforma, montei a árvore, enfeitei, foi uma alegria no dia em que acendeu. Ele disse assim: “- Agora, quero os meus presentes todos debaixo da árvore.” Então, as minhas amigas iam levando os presentes para ele, colocando-os debaixo da árvore.

Então, viajei. Quando cheguei ao Rio, comprei o relógio e mandei-o para ele. Um dia, mamãe me liga e diz: “- Gardênia,

o Edinho começou a fugir. Ele vai embora, vai para a rua e não volta. E, duas vezes, pedi o apoio da Polícia para localizá-lo e ele já voltou umas duas vezes. Agora, eu estou preocupada. Ele já vendeu o relógio que tu mandaste para ele.” Aí, eu disse: “– Mãe, vá segurando aí, mas não se preocupe. Quando ele quiser sair, dar uma volta, deixe que esses meninos são habituados a viver na rua. Eles não ficam em casa.” Quando foi um dia, ela me liga: “– Minha filha, o Edinho sumiu... Não se acha mais o Edinho. Informaram-me que ele tem uma avó em Pinheiro e que ele deve ter ido para Pinheiro.”

Daí, o Edinho desapareceu da nossa vida. Fiquei com muita pena porque eu havia me programado para matricular Edinho numa escola...

Euclides: Nunca mais a senhora o viu?

Gardênia: Vi muitos anos depois. Minha mãe, uma vez, indo ao Mercado Central, o motorista dela disse: “– Dona Isaura, eu vi o Edinho ali com uma turma de meninos.”

Mas ele escapulia. Muitos anos depois, em 2002, quando Gardeninha se candidatou a deputada estadual pela primeira vez, nós fizemos a campanha dela com umas bicicletinhas de som, buscando pessoas que queriam trabalhar nessas bicicletas, fazendo uma reunião para distribuir as bicicletas lá na sede do PSDB (Partido Social Democrata Brasileiro). Então, quando eu saía dessa reunião, na qual já havíamos feito a distribuição das

bicicletas, fui abordada por um rapaz com o cabelo assim, meio pintado, meio amarelado, que me disse: “– Dona Gardênia, a senhora tá se lembrando de mim?” Eu respondi: “– Não.” Ele disse: “– Sou o Edinho.” Eu disse: “– Oh, Edinho, como é que vais?” Aí, ele disse: “– Eu tô bem, Dona Gardênia. Eu soube que a Gardeninha está aí com umas bicicletas, eu queria dirigir uma bicicleta dessas.” Eu disse: “– Olha, Edinho, tu chegaste tarde porque já foram todas distribuídas. Mas, se daqui para frente, durante a campanha, alguém desistir ou acontecer algum problema, eu te chamo. Me deixa teu endereço que eu vou te procurar.”

Mas, não houve essa possibilidade, ele desapareceu de novo. Outra vez, eu conversando lá na rua Antônio Rayol, num daqueles armarinhos de roupinhas para bebês, naquela época a Lei Eleitoral ainda não proibia dar presentes, eu comprava enxovalzinhos para gestantes, uma daquelas vendedoras da loja me disse: “– Dona Gardênia, aqui, às vezes, aparece um rapaz chamado Edinho e ele me diz que jogou fora a história da vida dele, porque ele teve todas as chances do mundo, pois a senhora ia criá-lo, ia levá-lo para Brasília, mas ele não quis, ele fugiu para Pinheiro, perdendo essa grande chance da vida dele.” Aí eu disse: “– Ah, eu sei quem é. Diz-me uma coisa, como é que ele vai?” Ela respondeu assim: “– Ele vai mais ou menos, mas ele não virou um marginal. Ele morou muito tempo em Belém, procurando sobreviver e agora está aqui.

Agora, eu não sei o paradeiro do Edinho. Mas essa história foi muito interessante, marcou muito por causa do trabalho que eu fazia na Fundação do Bem Estar do Menor, onde conheci a história de tantos que a gente conseguiu ajudar. Eu pensei que pudesse ajudar o Edinho. Eu queria criar o Edinho como se fosse meu filho, dando uma oportunidade para a vida dele; infelizmente, não consegui.

Euclides: Aliás, foi ele que provocou isso, não foi?

Gardênia: É. Ele que pediu: “– A senhora me cria?” E eu: “– Crio, sim.” (Risos)



1ª Comunhão de Gardeninha, no Colégio Maristas, em Brasília (1972).

Foto: Arquivo pessoal de Gardênia Gonçalves

CHEGADA AO GOVERNO DO MARANHÃO

Euclides: Como o político João Castelo chegou ao governo do Maranhão. Por que ele chegou ao governo?

Gardênia: Olhe, ele era Deputado Federal pela segunda vez, o mais votado do Estado. Tinha uma liderança realmente muito forte e, na época da Revolução Militar, os governadores não eram eleitos, eles eram indicados pelos políticos dos Estados. Então, como deputado federal naturalmente, e sendo o mais votado do Estado, era uma das pessoas a ser cotada para essa indicação, ele tinha esse credenciamento como deputado federal mais votado do Estado. Ele havia sido, inclusive, líder no Governo Médici. Seria o Sarney o candidato indicado, mas acontece que, em função dos desentendimentos dele, quando foi candidato ao governo do Maranhão, o Vitorino ficou inimigo dele. Antes, não eram inimigos, mas aí eles ficaram inimigos.

Euclides: Só um parêntesis, o Sarney conseguiu ser inimigo político de todos os governadores que o sucederam?

Gardênia: É, havia essa situação, coisas da política. Mas nessa ocasião Sarney era o candidato natural a ser escolhido pelos militares ao Governo do Estado. Acontece que, por conta dessa inimizade com o Vitorino, apesar de já falecido, os amigos dele que estavam no Governo Federal vetaram o nome de Sarney. Então, Sarney indicou três nomes para o Figueiredo escolher... Não, era o Geisel. Para o Geisel foram enviados três nomes, o de João

Castelo, que era Deputado Federal, o de Alexandre Costa, e tinha um outro deputado, Magno Bacelar ou Temístocles Teixeira, não me lembro com certeza. Sei que foram três nomes. Então, escolheram João Castelo.

Euclides: E a briga com Vitorino Freire?

Gardênia: O candidato do Vitorino era o Renato Archer, se não me falha a memória, ou o Costa Rodrigues. Mas, o Sarney foi apoiado pelas Oposições Coligadas que se opunham, inclusive, ao candidato do Vitorino e criou-se então a inimizade porque Sarney, durante a campanha, criticou muito, bateu muito no Vitorino. Então, o Vitorino naturalmente não ia concordar que ele fosse Governador do Estado novamente.

João que tinha ligações boas nas Forças Armadas, tinha parentes na Aeronáutica, tinha parentes no Exército. Ele tinha uma relação muito boa com brigadeiros e generais da família. Na Aeronáutica, ele tinha da família da mãe e, no Exército, ele tinha da família do pai. E naturalmente, eu acho que o nome realmente que Sarney queria era o dele mesmo, o de João Castelo. Ele encaminhou os três nomes, e aí João foi escolhido pelo Geisel e pelo Figueiredo, que já era o indicado para substituir o Geisel, na ocasião.

Euclides: Sarney e a dona Marly eram os padrinhos do Thales?

Gardênia: Não. Quando nós estávamos em Belém, eu engravidei do Joãozinho, só que meus filhos todos nasceram aqui

em São Luís. E o meu marido dizia assim: “O Joãozinho vai nascer em São Luís. Ele não vai ser paraense.” Muito embora ele gostasse muito do Pará e dos paraenses, ele queria os filhos todos maranhenses. Nesse ponto ele não abria mão. Então eu vim dar à luz em São Luís, lá na Santa Casa de Misericórdia.

Nesse tempo, o diretor da Casa, era o Dr. Antônio Jorge Dino. E João acertou com o Dr. Dino para fazer o meu parto. Nesse dia, com o Sarney no Governo, tinha alguma coisa acontecendo lá, eu não sei se era a inauguração de uma ala na Santa Casa. E o Sarney já havia dito que queria ser o padrinho do meu filho pela ligação entre nós e a família Sarney. Ele havia dito que queria ser o padrinho do meu filho. E justamente nessa hora que o Joãozinho ia nascer, ele estava na Santa Casa. Tanto que eu tive que esperar o Sarney se retirar para o Dr. Dino fazer o meu parto.

Eu fiquei agoniada, mas tudo estava sob controle. Mas, é claro, se ele tivesse se desocupado mais cedo, teria feito o meu parto mais cedo. Mas, eu lá no ponto, esperando o Dr. Dino se liberar da atividade, acho que era a inauguração de uma ala nova e o governador estava presente.

Voltamos para Belém e por ocasião de uma reunião da SUDAM, nós marcamos o batizado do Joãozinho e ele foi batizado em Belém, na Basílica de Nazaré.

Euclides: Quando o Joãozinho nasceu, o Thales ainda era vivo?

Gardênia: Era sim. Quando Joãozinho nasceu o Thales já tinha sete anos. Quando nós morávamos em Brasília, é que o Thales morreu. Joãozinho é de 1968 e Thales morreu em 1976. Joãozinho tinha oito anos quando o Thales morreu.

Euclides: No final do governo de João Castelo, ele se desentendeu com Sarney, certo? Por que?

Gardênia: Foi. Aconteceu assim. Eu até acho que esses episódios seriam mais bem contados pelo próprio João Castelo, mas na minha visão, o que aconteceu? O Governo João Castelo foi um governo de muito trabalho, de muitas realizações e naturalmente que (eu considero isso assim, é uma questão da natureza humana) o político Sarney ficou um pouco enciumado com a ascensão política, com a liderança política de João Castelo. Daí, começamos a perceber que havia algum mal estar. Mas a gente procurava de todas as formas superar. Na realidade, quem ajudou o governo João Castelo durante todo o período do governo foi o senador Henrique de La Roque, foi muito parceiro, muito presente nas coisas que o governador precisava no Senado. Porque, na realidade, do senador Sarney, ele não teve muito apoio.

Eu acredito que os políticos, envolvidos na ocasião, eles ficavam colocando coisas no ouvido do Sarney, dizendo que João tinha pretensões de galgar outros postos maiores, até de voltar ao governo do Estado. Diziam que Castelo estava fazendo uma política em que crescia politicamente, que só pensava em fortalecer a sua liderança... Então, eu acho que aquelas coisas que iam colocando, iam criando, faziam surgir aquele ciúme, aquela

preocupação em relação ao crescimento político do João Castello. Mas João procurava ser fiel, e eu também, com uma preocupação muito grande de que não houvesse nenhum desentendimento.

João havia acertado com o Sarney que ele voltaria para substituí-lo como governador que, nessa ocasião, já seria por eleição direta e não mais por indicação. Acontece que o Sarney tinha outros planos. Depois, conversando com o João, ele disse que não tinha mais interesse de voltar ao governo do Maranhão, que ele queria ser Senador e que queria estar no Senado na época da eleição para Presidente da República. Sarney disse a João que queria fazer parte desse processo, da transição do governo militar – que era o que se esperava – para o governo democrático de direito. E João não preparou nenhum substituto para ele, porque estava certo de que o Sarney seria o candidato natural para substituí-lo.

Então, daí, houve certo desentendimento porque, Sarney achava que quem devia ser o candidato era o Luís Rocha que, na ocasião, era Deputado Federal. João achava que a pessoa indicada para continuar, naquele momento, o trabalho que ele havia iniciado seria o próprio Sarney. Então, a partir daí, começaram os desentendimentos, mas tudo foi superado. Houve a eleição, João havia deixado o governo para se candidatar ao Senado, o Sarney também foi candidato ao Senado e o Luís Rocha, candidato ao Governo do Estado.

Euclides: Eram duas vagas para o Senado? E os dois se elegeram?

Gardênia: Eram duas vagas para o Senado e os dois se elegeram. E João teve uma votação espetacular. Sarney não era candidato. Quem era o candidato, era o Alexandre Costa. Sarney já era Senador por mais quatro anos de mandato. Ele não quis retornar para o governo do Estado, queria continuar como Senador.

Euclides: De qualquer forma ficou uma mágoa.

Gardênia: Ficou, ficou uma situação assim não muito visível, mas latente, dos desentendimentos dessa ocasião. E João saiu com uma aprovação até então inédita. Teve a maior votação proporcional, como Senador, a maior do Brasil proporcionalmente. Foi uma votação expressiva naquela ocasião, porque ele tinha praticamente uma aprovação geral em todo o Estado pelo trabalho que realizou no Governo.



João Castelo e o caçula João Filho. Foto: Arquivo pessoal de Gardênia Gonçalves

A MORTE DE THALES

Euclides: E a morte de seu filho, Thales?

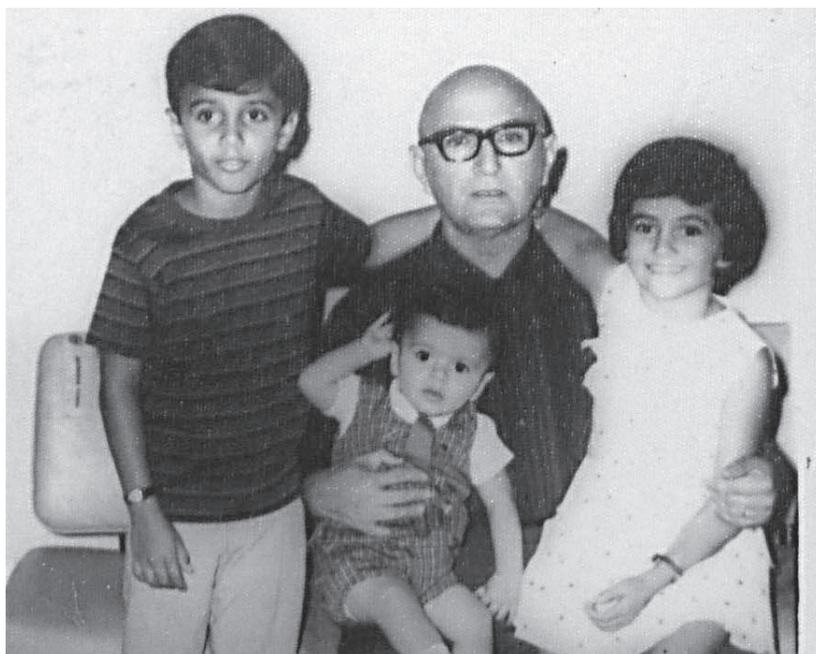
Gardênia: Sofri muitas dores, mas, a maior delas foi a morte do meu filho mais velho, sem dúvida nenhuma, a situação mais difícil que enfrentei foi a morte do Thales.

Meu filho tinha quinze anos e ele sofreu um acidente de moto. Nessa época, nós morávamos em Brasília. João era deputado Federal e ele estava, inclusive, aqui no Maranhão fazendo uma campanha política para ajudar a eleger prefeitos das cidades. Portanto, era época das eleições para prefeitos e eu estava em Brasília com eles, com os meninos – o Thales, a Gardeninha e o Joãozinho. E o Thales era fascinado por moto, por velocidade, e ele saiu num domingo para ir ao clube – para ir ao late Clube.

Na volta, sem capacete (ele deixava o capacete na portaria do prédio, não gostava, gostava de sair com os cabelos ao vento) e, na volta, foi atingido na traseira da moto por um carro que se antecipou. Ele foi fazer o retorno de uma rotatória e quando abriu, que retornou, o carro veio e bateu na traseira da moto que ele dirigia. Ele ia com um colega na garupa, ele, sem capacete, caiu com a cabeça no meio fio e ficou gravemente acidentado. Passou dois meses em coma no Hospital de Base de Brasília. E, apesar de todos os esforços que envidamos, chamamos um médico do Rio de Janeiro para cuidar dele, em vão. Ele não podia



O filho Thales aos 4 anos. Foto: Arquivo pessoal de Gardênia Gonçalves



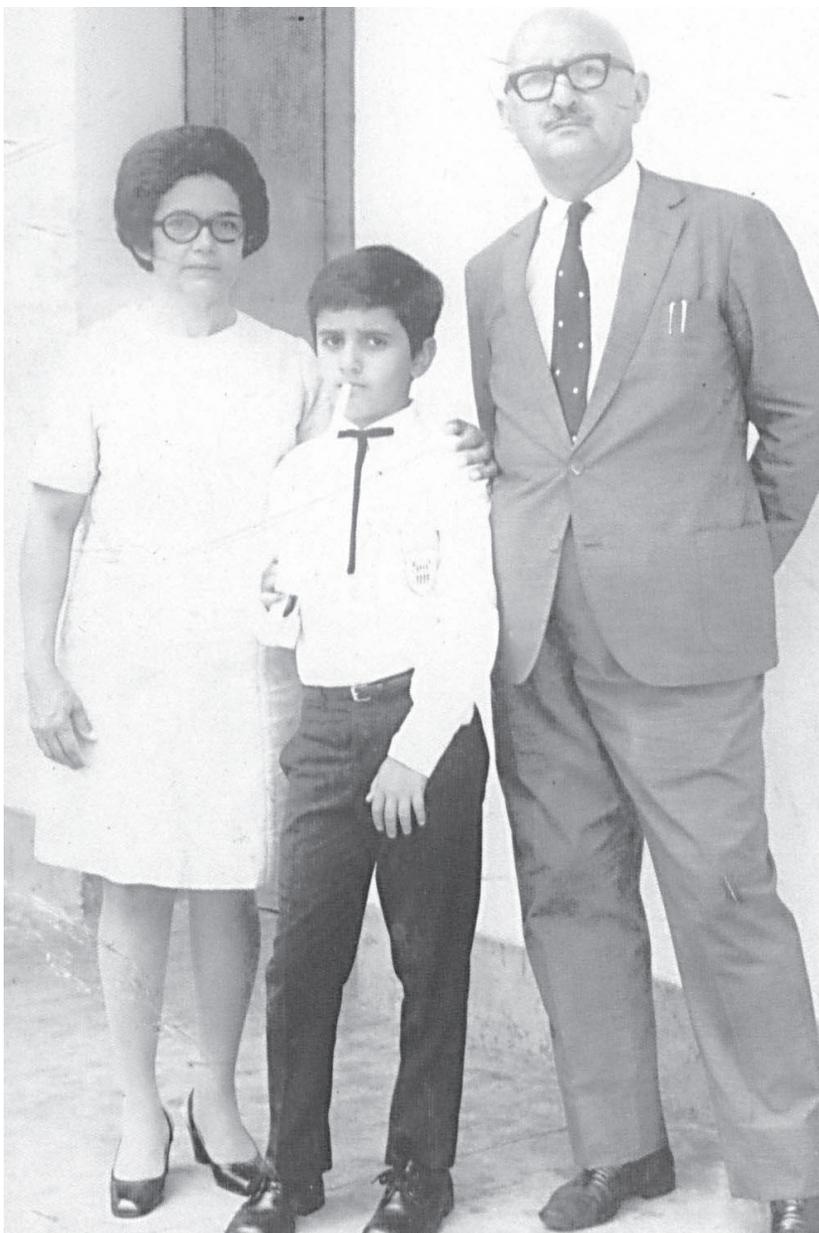
Sr. Galileu com os netos Thales, João Filho e Gardeninha.
Foto: Arquivo pessoal de Gardênia Gonçalves

ser transportado para lugar nenhum. Depois de dois meses, de sessenta e três dias, ele faleceu.

Então, essa foi a primeira dor muito grande da minha vida. E eu acho que a educação que eu tive, de não ter tudo o que queria, de enfrentar as situações, ajudou-me. Quando o meu pai dizia assim para mim: “Entupa, entupa – quando eu chorava e eu tinha que engolir o choro – eu acho que isso mais tarde me ajudou. Então, esse foi o primeiro momento difícil de minha vida, o mais difícil de todos, não foi fácil, mas eu tive um apoio muito grande dos meus filhos. Tive apoio especialmente de Gardênia que, nessa época, era um ano mais nova que o Thales. Ela assumiu a casa, apesar de ter somente quatorze pra quinze anos. Ela assumiu a direção da casa durante esse período todo, e quem sofreu muito mais foi Joãozinho, que era seis anos mais novo do que ela. Foi também importante o apoio dos amigos, naquela ocasião.

Eu saí de Brasília e vim para o Maranhão, porque o João veio para assumir o Governo do Estado, fazer a campanha e assumir o governo Estado. De certa maneira, foi muito importante eu ter saído de Brasília.

Quase dois anos depois, eu enfrentava com muita dificuldade aquela situação. Chegando aqui em São Luís fui fazer a campanha, tive que me envolver... Depois, durante o período do Governo, tive que fazer o meu papel de primeira dama, eu não gostava desse título de primeira dama. E meu marido sempre



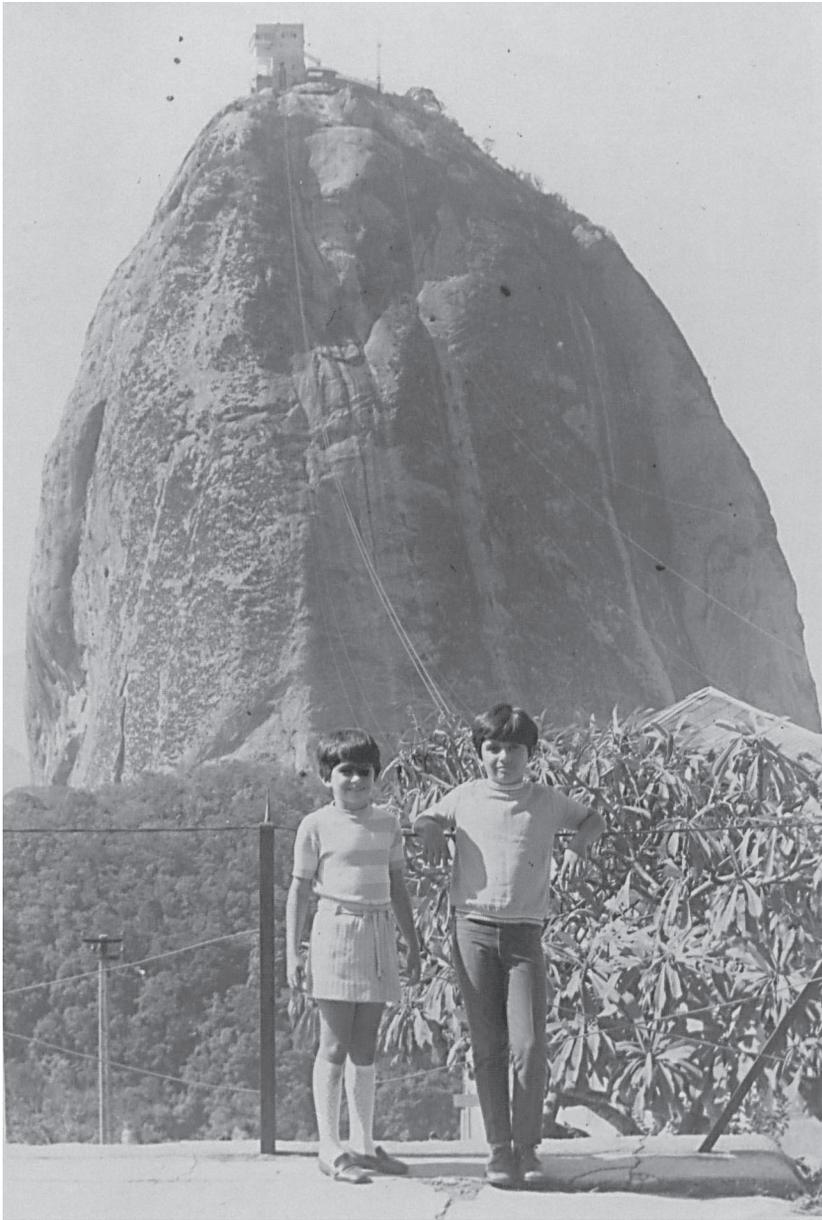
1ª Comunhão de Thales ladeado por D. Isaura e o Sr. Galileu (1978).
Foto: Arquivo pessoal de Gardênia Gonçalves

dizia que ele era o primeiro servidor do Estado e eu a primeira servidora.

Aí, sim, eu me enquadrei muito bem nesse papel e procurei fazer aquilo que era necessário, de fazer, de ajudar o governador a enfrentar aquela missão muito difícil que lhe coube na ocasião. Isso me ajudou um pouco a superar essa fase muito difícil que foi a perda do meu filho mais velho, o Thales. [Neste trecho da entrevista, dona Gardênia fala um pouco arrastado, com tristeza, saudade, mas logo continua]. O Thales foi uma criança esperada, assim, com muito carinho por todos da família, porque eu filha única, meu marido filho único, e eu me casei muito jovem e logo nós queríamos um filho.

Minha sogra, ela disse: “- Olha, tu vais ter um menino e eu vou te pedir, vou pedir para vocês homenagearem o Thales, meu marido.”

Thales era o nome do pai de João. E, a partir daí, vinha o Thales (risos). Eu não sabia, porque naquele tempo não havia aquele exame para saber o sexo. Minha sogra mandou fazer o enxoval como se fosse para um menino. E eu dizia: “- João, e se na hora não vier o Thales? (Risos). Mas, felizmente, veio, foi uma maravilha! Foi assim... A surpresa foi formidável porque atendeu ao desejo da minha sogra, do meu marido e o meu, porque eu já fazia uma torcida muito grande para que viesse um menino, que fosse o Thales, que já era Thales desde a hora da concepção.



Gardeninha e o irmão Thales, no Rio de Janeiro (1970).
Foto: Arquivo pessoal de Gardênia Gonçalves

CHEGADA À PREFEITURA DE SÃO LUÍS

Euclides: Como a senhora avalia o Governo João Castelo no Maranhão?

Gardênia: O trabalho de João foi tão expressivo que até hoje é reconhecido. O trabalho dele foi tão importante naquela época que, em consequência desse seu trabalho, dois anos depois, eu estava credenciada a ser Prefeita eleita de São Luís. O nome que eles imaginavam para ganhar as eleições da oposição seria o meu. E isso tudo em função desse trabalho do governo João Castelo e também, conseqüentemente, do meu trabalho à frente daquelas ações sociais do Governo.

Euclides: Tanto é que a senhora foi eleita. Sete dias depois tocaram fogo na Prefeitura. Que não foi um fogo por acaso, foi um fogo programado. Não foi?

Gardênia: Olha, essa história é uma história assim muito delicada, a gente pode contar tudo, mas ela é muito delicada (risos).

Euclides: Como a senhora descreveria esse momento?

Gardênia: Ah, uma coisa assim inédita, inusitada e apavorante para muita gente. Eu fui muito corajosa. Eu confesso que até hoje me surpreendo com a minha coragem naquele dia porque, em momento algum, tive pavor, eu quis...

Eu me recordo que trabalhava comigo, nessa ocasião, o coronel Gedeão de Matos, que está na feliz eternidade, e que, no



Foto oficial da campanha à prefeita de São Luís-MA (1985).
Foto: Arquivo pessoal de Gardênia Gonçalves

momento do incêndio da Prefeitura, chegou para mim e disse assim: “- Dona Gardênia, acho prudente a senhora dar um jeito de sair daqui da Prefeitura. O pessoal da segurança do Palácio está oferecendo colocar uma escada e botar uma do lado de cá para a senhora sair pelo muro que divide a Prefeitura do Palácio. A senhora sai daqui pelo muro para o Palácio dos Leões. Eu disse: “- Em hipótese alguma! Morro queimada, mas não saio daqui pelo muro. Não vou atravessar o muro da Prefeitura para o Palácio dos Leões por hipótese nenhuma.” Enquanto isso, a Prefeitura estava pegando fogo.

Euclides: A senhora entrou pela porta da frente, a senhora ia sair pela porta da frente.

Gardênia: Isso mesmo. Eu disse: “- Do jeito que eu entrei aqui, eleita pelo povo de São Luís, eu saio. Eu entrei pela porta principal da Prefeitura, só vou sair daqui pela porta principal da Prefeitura. Eles haviam trancado com cadeado o portão da Prefeitura e o portão lateral, por onde saíam os carros. Então, eu só poderia sair dali, naquele momento, se fosse pulando o muro do Palácio.

Euclides: Como a senhora saiu se estava com o cadeado?

Gardênia: Acontece que eu fiquei lá, eu resisti. Pedi socorro ao Corpo de Bombeiros. João estava ainda no escritório político da minha campanha, com um grupo de amigos, alucinado. Foi contido, porque queria vir de qualquer maneira para a Prefeitura. Eles recorreram à Polícia, recorreram ao Corpo de Bombeiros.



Gardênia na cadeira de prefeita (1986).
Foto: Arquivo pessoal de Gardênia Gonçalves

Aí, eles vieram, apagaram o fogo que atingiu um lado inteiro da Prefeitura. Felizmente, o meu gabinete ficava do lado direito e eles tocaram fogo, inicialmente, do lado esquerdo, onde ficava a Secretaria da Fazenda e a Procuradoria do Município. Do lado direito, ficava o Gabinete com todo o apoio da prefeita, naquele tempo.

Então, o fogo foi lá... Antes que o fogo atingisse o restante da Prefeitura, o meu gabinete, onde a fumaça já entrava incomodando minhas auxiliares, todas se trancaram no banheiro, Fátima Frota, Teresinha Flores, Lúcia Lobato, Amélia Buzar, Maria Burnet (irmã de doutor Burnet) se trancaram no banheiro. Abriram lá as torneiras, com medo, e abriram as janelas do banheiro e ficaram lá enquanto o restante da Prefeitura era incendiado.

E eu, no meu gabinete, com alguns outros auxiliares, o Coronel Gedeão, acho que o Fernando Castro (irmão de dona Zelinda Lima) que nessa ocasião era meu chefe de gabinete, e outras pessoas, esperando o Corpo de Bombeiros chegar para apagar o fogo. Quando conseguiram apagar o fogo, já tarde, eles já haviam incendiado carros na porta da Prefeitura. Na Prefeitura, queimou toda a documentação da Secretaria da Fazenda, da Procuradoria do Município, inclusive, criminosamente, o arquivo que possibilitava a cobrança do IPTU. Quando o fogo se apagou, era meia noite. Aí, quebraram os cadeados e eu saí de carro e fui para casa.

Euclides: Esse incêndio não teria sido provocado para queimar documentos comprometedores?

Gardênia: Com certeza. Eu acho também que teve dois outros motivos... Eles usaram, inclusive, *coquetel molotov*, vindo de Brasília. Foram municados com coquetel *molotov*. Momentos antes desse incêndio, eu tinha recebido os vereadores de São Luís. Eu não tinha a maioria na Câmara de Vereadores. E o Presidente da Câmara, nesse tempo, era o Manoel Ribeiro. Então, eu havia recebido um telegrama do Governador do Estado, que era o Luís Rocha – que Deus o tenha na feliz eternidade e que Deus lhe tenha perdoado de alguma culpa – eu não tenho nenhuma mágoa.

Esse governador havia enviado um telegrama para mim, muito longo, oferecendo apoio, porque a questão da greve [da revolta, culminando com o incêndio] foi iniciada pelo fato de eu ter declarado nula, nulidade legal, de pleno direito, a contratação de mais de quinze mil pessoas.

Essas contratações foram feitas durante a campanha eleitoral. E, na realidade, é proibido contratar três meses antes da eleição e três meses depois. Naquele tempo, a Prefeitura não fazia concurso. Então, os funcionários eram contratados através da CLT. E essas pessoas haviam sido contratadas durante esse período eleitoral, só com a Carteira de Trabalho assinada. A maioria não havia sido lotada em nenhum equipamento da Prefeitura, porque não tinha nem onde ficar, onde ser lotada tanta gente. E eu não tinha a menor possibilidade de manter todas aquelas pessoas, por cima, contratadas ilegalmente.

O prefeito que me antecedeu, havia deixado inclusive a folha de pagamento dois meses atrasada, Imagina...

Euclides: Quem era o Prefeito?

Gardênia: Mauro Fecury. A única alternativa que eu tive, legal, inclusive, foi declarar as contratações nulas de pleno direito. Em função disso, aliciaram um grupo, nem todas as pessoas que foram contratadas participaram, e muitas me deram razão, porque eu não tinha outra alternativa.

Agora, algumas pessoas, insufladas e aliciadas, foram para a porta da Prefeitura, desde o dia seguinte da minha posse, que foi quando eu declarei, assinei o ato, declarando as contratações nulas de pleno direito, eles ficaram na porta da Prefeitura ameaçando. Uma vez jogaram uma pedra pela janela lateral do meu gabinete, a pedra caiu perto da minha carteira. Eles ficavam lá o dia inteiro.

Quando foi no dia 8 de janeiro, depois que eu recebi o telegrama do governador, sugerindo que revogasse o meu ato, dizendo que eu tivesse pena da situação daquelas pobres famílias que estavam desamparadas, adiantando que ele, como governador, me ajudaria a pagar a folha.

Eu senti que, na realidade, aquilo não era uma oferta de ajuda, muito pelo contrário, era uma oferta para me criar mais dificuldades. Então, respondi o telegrama dele educadamente, dizendo que agradecia, mas que não havia a mínima condição de revogar o meu ato, mas sugeria que o governo do Estado tinha

plenas condições de ajudar, contratando aquelas pessoas pelo Governo do Estado, que eu sabia ter trinta mil vagas disponíveis. Essas vagas tinham sido criadas ainda no governo de João Castello. Com essas vagas, ele poderia contratar aquelas pessoas, até porque tinha gente do Interior do Estado no meio das pessoas contratadas. Então, o Governo do Estado poderia resolver aquela situação, contratando essas pessoas.

Então, me solicitaram uma audiência com o Presidente da Câmara e alguns vereadores, para saber a minha resposta. Aí, na audiência, eu disse que a minha resposta já tinha sido encaminhada ao governador. Que eu não tinha condições de tornar meu ato, o único possível, sem efeito, mas que tinha feito uma sugestão ao governador, que contratasse essas pessoas, chamadas por ele de pobres famílias desamparadas. Disse que ele podia resolver a situação contratando essas pessoas pelo governo do Estado. Concluí dizendo que não tinha outra alternativa, que a minha decisão era aquela.

Eles desceram a escadaria da Prefeitura e as pessoas, lá fora, aguardavam a resposta. O vereador Manoel Ribeiro subiu pela estátua de La Ravardière e disse assim: “- A prefeita está irredutível. Ela não aceitou a ajuda do governador e vocês, então, tomem a decisão que vocês acharem melhor.” E foi embora.

Eles, aí, começaram a soltar os coquetéis *molotov* dentro da Prefeitura. E queimaram o patrimônio público, que é uma pé-

rola da nossa cidade, aquele prédio tombado pelo Patrimônio Histórico. Esse prédio de qualquer maneira é um referencial da história de nossa cidade. Nele, funcionou a Câmara de Vereadores e era a sede da Prefeitura da cidade há muitos anos.

Euclides: Como foi que a imprensa dominante tratou esse episódio?

Gardênia: Ah, tratou-me muito mal.

Eles me colocavam na televisão com frases que achavam convenientes sobre essa reunião com os vereadores. Eles colocavam que o governador do Estado estava querendo ajudar e que eu não havia aceito a ajuda e que eu era malvada, que eu não era a pessoa humana e amiga como havia sido na minha campanha. A música que embalava a minha campanha me chamava de flor, que eu era humana e amiga, o meu *slogan* era esse.

Então, eles quiseram transformar a minha imagem de pessoa sensível, humana, numa pessoa má, perversa, que estava fazendo a infelicidade de várias famílias, isto é, daquelas quinze mil pessoas ilegalmente contratadas.

Assim que eu fui tratada. Tinha o Jornal de Hoje, que era de propriedade de meu marido, que me defendia, mas não tinha a repercussão e a voz da maioria da imprensa deles, através de rádio e televisão e do jornal, mais bem estruturado, que era o jornal O Estado do Maranhão.

Por outro lado, felizmente, a imprensa nacional me tratou de forma diferente. O Globo, a Manchete, naquela ocasião, me ouviram e divulgaram corretamente minha posição. A Manchete me entrevistou ao vivo. Fizeram, inclusive, uma chamada na Rede Globo, fui entrevistada por Jô Soares, no seu programa da meia noite, de maneira séria. Fui bem tratada pela imprensa nacional, fui tratada de uma maneira justa pela imprensa nacional. Isso não aconteceu com a imprensa local.



Foto de campanha à prefeita de São Luís-MA.
Foto: Arquivo pessoal de Gardênia Gonçalves

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O depoimento concedido por Gardênia Ribeiro Gonçalves, por meio desta entrevista, constitui-se em rica fonte de dados para estudantes, pesquisadores e pessoas interessadas na compreensão de fenômenos dialéticos do campo político, social e cultural da capital maranhense. A entrevistada é personagem totalmente reconhecida e legitimada no meio sócio comunitário da capital maranhense e do Estado do Maranhão.

Como agente social, a entrevistada fala com convicção das vivências experimentadas ao longo de sua existência, durante a qual ela foi capacitada pela prática empírica do conhecimento adquirido na dialética dos fenômenos políticos, históricos e culturais, por isso mesmo seu testemunho é um atestado real para validar o passado, o presente e o futuro de nossa terra, enquanto fenômeno pulsante nas correntes atuantes do meio sócio comunitário de São Luís.

As citações e afirmações de Gardênia Gonçalves são baseadas em experiências vivenciadas no campo administrativo, como gestora de órgãos públicos ligados ao Governo do Maranhão e à Prefeitura de São Luís; e no campo histórico-cultural como apreciadora, produtora e participante das manifestações locais, por isso mesmo sua fala é reconhecida como fala testemunhal de vários fenômenos presenciados, vividos e efetivamente compartilhados, por isso mesmo ela é vista como notável figura humana e trabalhadora a favor de causas sociais.

Gardênia Gonçalves foi desta maneira agente que, em seu tempo, empreendeu e inovou a *práxis* política, social e cultural local, valorizando o saber e o fazer do povo maranhense, respeitando a todos a partir da ordem de chegada das demandas que a si eram reivindicadas. Assim, o povo mais necessitado e as pessoas mais humildes encontraram nela uma espécie de porto seguro, portando a voz de necessidades, com sensibilidade de compreender a dialética dos fenômenos que se desenrolavam no seu ciclo de atuação.

Desse modo, a entrevistada foi também criadora de práticas de tradições culturais, como teorizou Eric Hobsbawn (1997), ao afirmar que quando se defende as tradições inventadas pelas elites dominantes, tem-se objetivos que justificam a sua própria existência, legitimação e pretensa importância. Assim, esse investigador afirma também que:

Por tradição inventada entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas de natureza ritual ou simbólica visam a inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma relação ao passado. (Hobsbawn & Ranger, 1997, p.9)

A personagem Gardênia Gonçalves constitui-se em elo de formação decisiva na consolidação familiar, dando exemplos de resignação e empreendedorismo no caminho apostado pelo seu esposo que, ao decidir enveredar pelo campo político, posiciona-se como suporte moral e incentivador de suas pretensões, chegando a ser protagonista maior dessa decisão quando elei-

ta Prefeita da capital maranhense, enfrentando um período de dificuldades e crise sem precedente, mas deixando o Município saneado para a gestão que lhe sucedeu.

Dessa maneira, percebemos que o depoimento concedido por Gardênia Gonçalves traz para as gerações do presente e do futuro o testemunho de uma época que o passado insiste em colocar no campo do esquecimento, mas sua narrativa reacende o fogo da memória, detalhando fatos e situações que enriquecem o campo histórico e cultural de nossa gente, pois o passado é o espelho de como o tempo costurou as relações sociais, seja no campo familiar ou no comunitário, que a depoente nos narra de maneira providencial e rica em detalhes.

O perfil de permanência é frequentemente repescado ou realimentado como forma de servir de parâmetro, quer pelos indivíduos, quer pelas instituições, em uma tentativa de justificar o presente pela existência de um passado, como refere Estevão Martins, quando diz que “a articulação entre passado, presente e futuro, constante nas interpretações de todos os processos temporais, é decisiva para a definição de uma identidade, ou na realidade empírica das identidades tradicionais [...]” (Martins, 2007, p.33).

Desse modo, ratificamos que o apanhado de conceitos levantados pela entrevista com Gardênia Gonçalves são pérolas conteudísticas que precisam ser preservadas e melhor investigadas para fundamentar a ação do povo praticante das manifesta-

ções sociais, culturais e políticas, respeitando cada fonte e cada grupo, enquanto agente social informador, ou que comunica, ou que orienta, ou que produz, ou que forma consciências, ou que forma correntes – favoráveis ou não – em práticas diversas e cheias de vida.



Foto de campanha à prefeita de São Luís-MA (1985).
Foto: Arquivo pessoal de Gardênia Gonçalves

REFERÊNCIAS

¹ Floriano é um município brasileiro do estado do Piauí. Situa-se na Zona Fisiográfica do Médio Parnaíba, à margem direita desse mesmo rio, em frente a cidade de Barão de Grajaú, Maranhão. A cidade fica a 240 km da capital do estado do Piauí, Teresina. Suas coordenadas geográficas são: 06° 46' 01" de latitude sul, e 46° 01' 22" de longitude oeste em relação a Greenwich. Sua altitude: 140 metros. Clima: quente seco, no verão, e úmido na época das chuvas. Acidentes geográficos do município: Rio Parnaíba, que banha a cidade e o município em toda a sua extensão. Seguem-lhe os rios Gurgueia e Itaueira. Floriano está localizada num ponto referencial, o portão de entrada para o sul e sudeste do Piauí. (...) A região onde se localiza o município de Floriano situa-se na área das sesmarias que, em 1676, a Coroa Lusa dava a Domingos Afonso Mafrense, Julião Afonso Serra, Francisco Dias D'Ávila, Bernardo Gago, arcebispo Domingos de Oliveira Lima, Manoel Oliveira Porto, Catarina Fogaça, Pedro Vieira Lima, e Manuel Ferreira, potentados baianos, que jamais se abalaram a seguirem para o Piauí e viverem em suas terras. Essas concessões se estendiam por dez léguas de terras em quadro, para cada um deles, nas margens do Rio Gurgueia. Algum tempo depois, os contemplados, anteriormente, junto com Francisco de Souza Fagundes, obtêm mais dez léguas de terras, em quadro, para o Parnaíba. A criação de gado começava a se expandir com rebanhos vindos de Cabo Verde. A criação de gado "vacum" ia se transformando, além da atividade agrícola, em fonte principal de riquezas e, com o passar do tempo, os currais se multiplicavam. O município de Floriano situa-se na área em que Domingos Afonso Mafrense fundou as primeiras fazendas de gado no Piauí. Elas formariam o centro da expansão da pecuária piauiense. ([https://pt.wikipedia.org/wiki/Floriano_\(Piauí\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Floriano_(Piauí)) – Acesso: 14.Jun.2016)

² Codó é um município brasileiro do Estado do Maranhão. Possui uma área de 4.364,499 km² dos quais 4.452 km² estão em zona urbana e com população de 118.072 habitantes, de acordo com o IBGE em 2010, sendo então o quinto município mais populoso do Estado. É sede da Região de Planejamento dos Cocais. (...) O início do povoamento de Codó data do ano de 1780, sendo um dos seus primeiros exploradores o agricultor Luís José Rodrigues. Antigo armazém de mercadorias, situado às margens do rio Itapecuru, foram fatores importantes para o seu desenvolvimento as atividades agrícolas mantidas pelos ricos senhores da aristocracia rural maranhense e por agricultores portugueses instalados na Colônia Petrópolis, numa iniciativa de Francisco Marques Rodrigues. Decisiva também para o seu crescimento foi a imigração

de sírios e libaneses, a partir de 1887. (<https://pt.wikipedia.org/wiki/Codó> - Acesso: 14.Jun.2016)

³ Estrado de madeira provido de amurada para travessia de rio, às vezes preso a um cabo fixado em ambas as margens, e semelhante a uma jangada. Este tipo de transporte era muito comum nos rios do Maranhão e região durante o século XX, principalmente por falta de estradas. Desse modo, as balsas eram meio de transporte para conduzir a produção entre as cidades.

⁴ Teresina é a capital e o município mais populoso do Estado do Piauí. Localiza-se no Centro-Norte Piauiense a 366 km do litoral, sendo, portando, a única capital da Região Nordeste que não se localiza às margens do Oceano Atlântico. Possui uma população estimada em 844.245 habitantes, de acordo com o IBGE em 2015. Está conurbada com a cidade maranhense de Timon, formando, assim, a Região Integrada de Desenvolvimento da Grande Teresina, que aglomera cerca de 1.194.911 habitantes, sendo a segunda RIDE mais populosa de todo o Brasil, atrás apenas de Brasília. Teresina é a 21ª maior cidade do Brasil e a 17ª maior capital do Estado, sendo a 7ª capital mais populosa e a mais rica do Nordeste. Teresina é a terceira capital com melhor qualidade de vida do Norte-Nordeste segundo o Índice FIRJAN de Desenvolvimento Municipal, e segundo o IPEA é a quinta capital mais segura do Brasil (perdendo apenas para Natal/RN, Palmas/TO e Fortaleza/CE. A cidade tem um IDH (Índice de Desenvolvimento Humana) alto, porém ainda é a oitava colocada entre as capitais do Nordeste, ficando à frente apenas de Maceió. Teresina também é a terceira cidade onde mais acontecem sequências de descargas elétricas no mundo. Por esta razão, a região recebe a curiosa denominação de Chapada do Corisco”. Seu lema é a frase *Omnia in Charitate*, que significa em português Tudo pela caridade. A cidade é a terra natal de Torquato Neto, poeta do Tropicalismo, e de Carlos Castelo Branco, colunista político do Jornal do Brasil. Historicamente, Teresina desenvolveu-se por meio do rio Parnaíba, através da navegação fluvial. Teresina é conhecida por Cidade Verde, codinome dado pelo escritor maranhense Coelho Neto, em virtude de ter ruas e avenidas entremeadas de árvores. É um município em fase de crescimento galopante e, atualmente, possui uma área de 1.673 km² e uma população de quase 1 milhão de habitantes. É uma das mais prósperas cidades brasileiras, destacando-se atualmente no setor de prestação de serviços, comércio intenso, rede de ensino avançado, eventos culturais e esportivos, congressos, indústria têxtil, com uma justiça trabalhista célere e um grande, complexo e moderno centro médico que atrai pacientes de vários Estados Brasileiros. (<https://pt.wikipedia.org/wiki/Teresina> - Acesso em 14.jun.2016)

⁵ Pedreiras é um município do Maranhão. Localiza-se a uma latitude 04°34'08" sul e a uma longitude 44°35'31" oeste, estando a uma altitude de 0 metro. É a cidade-polo da Região de Planejamento do Médio Mearim, população estimada em 38.506 habitantes (IBGE – 2015) e possui uma área de 534.514 km². Pedreiras é interligada a Trizidela do Vale, um antigo bairro emancipado pela Ponte Francisco Sá (...) O município foi fundado em áreas escravagistas e dos índios Pedras Verdes que habitavam a região. Em meados do século XX foi um dos maiores polos produtores de arroz do interior maranhense. (<https://pt.wikipedia.org/wiki/Pedreiras> – Acesso em: 14.jun.2016)

⁶ São Luís é um município brasileiro e capital do Estado do Maranhão. É a única cidade brasileira fundada por franceses, no dia 8 de setembro de 1612, tendo sido posteriormente invadida por holandeses. Em seguida, foi colonizada pelos portugueses. Localiza-se na ilha de Upaon-Açu, no Atlântico Sul, entre as baías de São Marcos e São José de Ribamar. Em 1621, quando o Brasil foi dividido em duas unidades administrativas – o Estado do Maranhão e o Estado do Brasil – São Luís foi a capital da primeira unidade administrativa. Com a população de 1.014.837 habitantes, São Luís é o município mais populoso do estado, além de ser o 15º município mais populoso do Brasil, e o 4º da Região Nordeste (ficando atrás somente de Salvador, Fortaleza e Recife) sendo, ainda, a décima terceira capital mais populosa do Brasil. Sua área é de 831,7km², e desse total 157,56 km² estão em perímetro urbano. O município faz parte da Mesorregião do Norte Maranhense e da Microrregião da Aglomeração Urbana de São Luís, localizadas ao Norte do Estado do Maranhão. O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do município, segundo dados das Nações Unidas datados de 2010, é de 0,768, estando acima da média brasileira, sendo a décima quinta capital estadual brasileira com maior IDH e a terceira capital do Nordeste com maior IDH, perdendo apenas para Recife e Aracaju. A capital maranhense tem um desenvolvido setor industrial por conta de grandes corporações empresariais de diversas áreas que se instalaram na cidade pela sua privilegiada posição geográfica entre as regiões Norte e Nordeste do País, seu litoral estrategicamente localizado bem mais próximo de grandes centros importadores de produtos brasileiros como Europa e Estados Unidos, o que permite economia de combustíveis e redução do prazo de entrega de mercadorias, provenientes do Brasil, pelo Porto de Itaqui, que é o segundo mais profundo mundo e um dos mais movimentados, sofisticados e bem estruturados para o comércio exterior do Brasil. A cidade está ligada ao interior do Estado por meio de uma linha férrea e também aos Estados vizinhos do Pará, Tocantins e Piauí, o que facilita e barateia a escoação agrícola vinda do interior do país para o Porto de Itaqui, sendo que, com a conclusão da ferrovia Norte-Sul,

a cidade vai estar interligada a todas as regiões brasileiras por ferrovias. Por rodovia, a Ilha já é servida pela BR-135, que a liga ao continente e, por ar, conta com o Aeroporto Internacional Marechal Cunha Machado, com capacidade de atender mais de um milhão de passageiros por ano e que já opera com demanda quase saturada pelo movimento intenso de passageiros não somente da cidade de São Luís, mas também por servir como porta de entrada, por ser o maior e mais movimentado aeroporto próximo ao Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses. O clima em São Luís é tropical e semiúmido, sendo fortemente influenciado pelo mar e pela Zona de Convergência Intertropical. A cidade apresenta grande quantidade de coqueiros e muita vegetação litorânea. Há pequenas áreas de Floresta Amazônica que resistiram ao processo de urbanização da cidade, todas protegidas por parques ambientais. Pequenos rios nascem na cidade: entre eles, o Rio Bacanga é o mais importante economicamente. (...) O nome da cidade é uma homenagem dada pelos franceses ao Rei da França Luís XIII, conforme registrou o cronista da França Equinocial, o Capuchinho Claude D'Abbeville. Posteriormente, o nome passou a referenciar Luís IX, chamado de “São Luís Rei de França”. O rei Luís IX ficou popular pois morreu numa Cruzada na Idade Média, sendo posteriormente canonizado pela Igreja. (...) A capital maranhense, lembrada hoje pelo enorme casario de arquitetura portuguesa, no início abrigava apenas ocas de madeira e palha e uma paisagem quase intocada. Aqui, ficava a aldeia de Upaon-Açu, onde os índios tupinambás – entre 200 e 600, segundo cronistas franceses, vi-viam da agricultura de subsistência (pequenas plantações de mandioca e batata-doce) e das ofertas da natureza, caçando, pescando e coletando frutas. Nos arredores da atual cidade de São Luís, habitava a etnia indígena dos poti-guaras. ([https://wikipedia.org/wiki/SãoLuís\(Maranhão\)Acesso:14.jun.2016](https://wikipedia.org/wiki/SãoLuís(Maranhão)Acesso:14.jun.2016))

⁷ O trem Maria Fumaça é como este trem ficou conhecido no Brasil pelas suas locomotivas movidas à carvão, levantando fumaça.

⁸ Colégio Santa Teresa – tudo começou na Itália do século XIX, quando Paula Frassinetti, jovem simples e audaz, moradora nos arredores de Gênova, sentiu-se impelida a fazer algo para mudar a realidade das crianças e dos pobres que viviam em situação de exclusão material e cultural. Aliou-se a outras jovens sensíveis e assumiram o compromisso de transformar a realidade evangelizando pela Educação. Surgia desse embrião a Congregação de Santa Doroteia. Era o ano de 1894, final século XIX, quando o Maranhão através do Asilo de Recolhimento Santa Teresa recebeu as Irmãs Dorotéias, vindas das terras italianas com seus sonhos e propósitos idealizados com Santa Paula Frassinetti. A missão maior: realizar a evangelização através da educação.

Iniciou-se, então, a proposta educacional do Colégio Santa Teresa. Educar as crianças e jovens pela “via do coração e do amor”: orientá-las pela Bússola da Vontade de Deus foi a tarefa desenvolvida no dia-a-dia da Escola pelas irmãs e pelos leigos que aderiram à proposta pedagógica intuída por Santa Paula. Ao longo dos anos, a concepção educativa foi sendo atualizada pelas teorias educativas cujos princípios são condizentes com as intuições de Santa Paula e com os valores cristãos. Assim, a prática recebeu os reforços teóricos de Paulo Freire, Piaget, Vigostky, Freinet e outros que referendam a concepção de educação como um processo de formação integral do sujeito e de aprendizagem como espaço de interações múltiplas. (<http://www.colegiosantateresa.com.br/principal/index.php?option=comcontent&view=article&id=52&Itemid=59> – Acesso: 14.jun.2016)

⁹A “Balaiada de São Luís”, como ficou conhecida a Greve de 1951, foi o mais formidável movimento urbano da história do Maranhão. Representou movimento popular amplo, radical e heterogêneo que mobilizou a “massa urbana” revoltada com as práticas fraudulentas e coronelescas de Victorino Freire, cujas consequências foram marcantes. A Greve de 1951 ocorreu num cenário de acirramento intro-oligárquico e girou em torno do poder exercido por Victorino Freire que havia corrompido o processo eleitoral garantindo a vitória de seu candidato, Eugênio Barros. O pano de fundo que ensejou a Greve de 1951, foi a disputa dos grupos políticos pelo controle do Estado, numa época de ascensão de novas lideranças políticas no Maranhão, ameaçando o poder de Victorino Freire. Uma dessas lideranças era a de Saturnino Belo, ex-Interventor e Vice-Governador, até então aliado de Victorino. Ele apresenta a sua candidatura às eleições de 1951, contra o candidato vitorinista. Saturnino Belo era candidato das classes empresariais, conseguiu aglutinar no pleito as siglas: PSD, PR, PSP, PL, UDN e o PTB, formando uma grande aliança partidária em torno de sua candidatura, além de compor as Oposições Coligadas. Foi um dos principais protagonistas da Greve de 51, no entanto, desde 1950, tinha sido preterido pelo oligarca maior do Estado, quando se uniu às Oposições Coligadas. Por outro lado, o candidato vitorinista, ao cargo de governador do Maranhão, era o ex-prefeito de Caxias, Eugênio Barros, que disputou a eleição pelo Partido Social Trabalhista – PST. O pleito foi cercado de expectativas e de denúncias de fraudes. Estava em jogo o poder de Victorino Freire no Estado. Abertas as urnas, o candidato das Oposições Coligadas, Saturnino Belo, saiu na frente, principalmente em São Luís. Estava ameaçada a vitória do candidato da oligarquia. Victorino Freire, preocupado com o quadro eleitoral desvantajoso, entra em cena: conseguiu anular via TER, 31 seções eleitorais, algo em torno de 16.000 votos, o suficiente para garantir a ultrapassagem de Eugênio

Barros sobre Saturnino Belo e “vencer” o pleito com uma margem mínima de 6.000 votos. (<http://cafehistoria.ning.com/profiles/blogs/1980410>: - Acesso: 14.jun.2016)

¹⁰ Coroatá é um município brasileiro do Estado do Maranhão. Situa-se no centro-leste do Estado, no vale do Itapecuru, e dista cerca de 260 km de São Luís, capital-estadual. Sua topografia é predominantemente plana. Sua população total é de 62.189 habitantes (2010), sendo que 47.296 vive na zona urbana. (...) Os primeiros habitantes a penetrarem neste município foram os portugueses, e, a eles, juntaram-se mais tarde habitantes das zonas vizinhas. A cidade de Coroatá originou-se de “depósitos” ou “paiós” (espécie de posto) de fazendeiros e de visitantes de outras regiões, notadamente do Mearim. Com o progresso do povoado chegaram novos imigrantes destacando-se os sírios-libaneses que, desenvolvendo o comércio, contribuíram para a independência da região. Em 5 de novembro de 1843, através da Lei nº 173, foi criada a Vila Coroatá, sendo este território desmembrado do município de Caxias e Itapecuru-Mirim. Após 77 anos, Coroatá foi elevada à categoria de cidade, sendo assim seu aniversário comemorado no dia 8 de abril de 1920, favorecido pela Lei nº 924, durante o governo do Dr. Urbano Santos de Araújo. O primeiro nome desta cidade foi Coroatá Grande, quando era ainda um arraial. Este nome derivou-se de uma planta existente na região chamada pelos moradores de piteira ou agave; a planta era originária do México e os indígenas conheciam-na como Croatá-Açu. Mais tarde, os habitantes começaram a se transportar para um lugar mais próximo do rio Itapecuru onde foi edificada a cidade. ([https://pt.wikipedia.org/wiki/Coroatá](https://pt.wikipedia.org/wiki/Coroat%C3%A1)- Acesso: 14.Jun.2016)

¹¹ Belém é um município brasileiro e capital do estado do Pará. Pertencente à Mesorregião Metropolitana de Belém e à microrregião de Belém, localiza-se na Região Norte do Brasil, distante 2.140 km da capital federal, Brasília^[5]. Sua área é de 1.064.918 km². Com uma população de 1.439.561 habitantes, é a segunda cidade mais populosa da Região Norte e a décima-primeira do Brasil. Possuindo um dos maiores Índices de Desenvolvimento Humano (IDH) entre os municípios do Norte Brasileiro. Em seus 400 anos de história, Belém vivenciou momentos de plenitude, entre os quais o período áureo da borracha, no início do século XX, quando recebeu inúmeras famílias europeias, que influenciaram grandemente a arquitetura local, sendo conhecida na época como Paris d’América. Atualmente, apesar de ser cosmopolita e moderna em vários aspectos, Belém não perdeu o ar tradicional das fachadas dos casarões e das igrejas do período colonial^[13]. Nas últimas duas décadas, passou por um forte movimento de verticalização, devido novas tendências na construção

civil local e o plano de valorização do espaço da cidade originada na década de 40 na Avenida Presidente Vargas. A cidade exerce significativa influência como metrópole regional, influenciando mais de oito milhões de pessoas nos Estados do Pará, Amapá e Tocantins, seja do ponto de vista cultural, econômico ou político. Conta com importantes fortificações, igrejas, monumentos, parques e museus, como o Theatro da Paz, o Museu Emílio Goeldi, o Parque Mangal das Garças, o Mercado do Ver-o-Peso e eventos culturais e religiosos de grande repercussão, como o Círio de Nazaré. ([https://pt.wikipedia.org/wiki/Belém_\(Pará\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Belém_(Pará)) - Acesso: 14.Jun.2016)

¹²Timon é um município brasileiro do Estado do Maranhão, com uma população de 164.869 habitantes, segundo estimativa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2014. Está conturbado à capital do vizinho Estado do Piauí, Teresina, fazendo parte da Região Integrada de Desenvolvimento da Grande Teresina. (...) Proclamada a República, em 1889, o primeiro governador do Estado do Maranhão sancionou, a 22 de dezembro de 1890, a lei que eleva o povoado de São José das Cajazeiras à categoria de vila com o nome de Flores. Em 10 de abril de 1924, foi elevada à categoria de cidade, mantendo o nome de Flores, através da lei nº 1.139, assinada pelo governador Godofredo Mendes Viana. Em 1943, por exigência do IBGE que não admitia duas cidades homônimas – já havia Flores no Rio Grande do Sul, o governador Paulo Ramos editou o Decreto-Lei nº 820, mudando o nome para Timon, numa homenagem ao intelectual maranhense João Francisco Lisboa, que deixou uma obra com o título *Jornal de Timon* (numa referência ao célebre filósofo da Antiga Grécia, cujo nome era Tímon, com sílaba forte no “Ti”). (<https://pt.wikipedia.org/wiki/Timon> – Acesso: 14.Jun.2016).

¹³ Caxias é um município do Maranhão. É a quinta maior cidade do Estado, com uma população de 161.137 habitantes e área de 5.150,667 km². Pertence à Microrregião de Caxias e é entrecortada por um manancial composto do rio Itapecuru e seus afluentes. É um dos maiores centros econômicos do estado, graças a seu grande desempenho nos setores da indústria e um importante centro político, cultural e populacional do Estado do Maranhão. Caxias tem uma arquitetura herdada do século XIX e início do século XX no estilo português, ainda conservando boa parte de seu patrimônio histórico. Caxias é conhecida como “terra das águas cristalinas”, destacando-se como uma “cidade portadora de futuro”, pois em seu entorno gravitam muitos municípios, sendo uma região entrecortada por um manancial composto do rio Itapecuru e seus afluentes um riquíssimo lençol freático, muita vegetação e chuvas bem distribuídas ao longo do ano, favorecendo a indústria, o agronegócio e o tu-

rismo. ([https://pt.wikipedia.org/wiki/Caxias - \(Maranhão% C3%A3O\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Caxias_(Maranh%C3%A3o)) Acesso: 14.Jun.2016). Até os anos de 1970, Caxias era a segunda cidade do Maranhão, ficando atrás somente da capital do Estado, São Luís.

¹⁴ Barão de Grajaú é um município brasileiro do Estado do Maranhão. Município da região Leste Maranhense, microrregião das Chapadas do Alto Itapecuru, a cidade de Barão de Grajaú foi fundada em 29 de março de 1911, localizada na margem esquerda do rio Parnaíba, tendo na margem direita a cidade de Florianópolis (PI). Seu padroeiro é Santo Antônio de Pádua, sua área é de 2.247 km², representando 0.6769 % do Maranhão, 0,1446 % da Região Nordeste e 0.0264 % de todo o território brasileiro, tem clima semiárido, está a 108m de altitude e no Censo de 2010 sua população estava com 17.816 habitantes. A vegetação predominante é a caatinga. Produz arroz, babaçu, buriti e a palmeira da juçara. O nome do município é uma homenagem a Carlos Fernandes Ribeiro, o Barão de Grajaú, título nobiliárquico restrito à nobreza monárquica. O Barão foi vice-presidente da província do Maranhão, tendo exercido a presidência interinamente seis vezes, de 28 de março a 17 de maio de 1878, de 27 de maio a 24 de julho de 1880, de 6 de maio a 25 de setembro de 1883, de 2 de março a 18 de setembro de 1884, de 16 de maio a 23 de junho de 1885 e de 30 de junho a 3 de agosto de 1889. A residência do Barão abriga hoje o Museu de Arte Sacra do Maranhão e trata-se de um sobrado do século XIX localizado no Centro Histórico de São Luís (MA). A homenagem é de autoria do piauiense Agapito Alves de Barros, um comerciante que foi pioneiro no lugar. Os bandeirantes foram os primeiros a desbravarem suas terras, assim como muitas das demais terras do Sertão Maranhense. Vindos do Vale do São Francisco e da Serra da Ibiapaba, em Pernambuco, eles começaram pelo município vizinho, Pastos Bons (MA), e estenderam suas rotas por toda a região, explorando a agricultura e a pecuária. Mais tarde, a colonização do lugar seria realizada por pioneiros vindos do Piauí. Notícias da época, dão conta de que em 1884, o lugar já era “um povoado de certa importância”. Tornou-se município pela Lei nº 587, de 18 de março de 1911, mas sua elevação à categoria de cidade somente ocorreria com o Decreto-Lei no 45, editado em 29 de março de 1938. ([https://pt.wikipedia.org/wiki/Barão-de-Grajaú - Acesso: 14.Jun.2016](https://pt.wikipedia.org/wiki/Bar%C3%A3o_de_Graja%C3%BA))

¹⁵ Bacabal é um município brasileiro do interior do Estado do Maranhão, Região Nordeste do País, localizado a 240 km de distância da capital do Estado, São Luís. A população do município é de 102.656 habitantes, segundo estimativa do IBGE em 2015, e 1.683 km². É município-sede da Região de Planejamento do Mearim. (...) Onde está a Praça Nossa Senhora de Conceição,

o coronel Lourenço da Silva estabeleceu, em 1876 uma fazenda para cultiva de arroz, algodão e mandioca, aproveitando o trabalho escravo. Sobrevindo a abolição, a fazenda foi vendida ao coronel Raimundo Alves d'Abreu (a propriedade passou a conhecida como Sítio dos Abreu), que passou a comercializar com libertos e índios, cujas malocas se erguiam na atual localização do bairro Juçaral. Graças a fertilidade do terreno, topografia privilegiada e recursos naturais, o Sítio prosperou rapidamente. A grande afluência de imigrantes, principalmente nordestinos, muito contribuiu também para o desenvolvimento agrícola. Elevado à categoria de município e distrito com a denominação de Bacabal, pela Lei estadual nº 932, de 17 de abril de 1920, desmembrado de São Luís Gonzaga. O nome do município teve origem na grande quantidade de palmeiras de bacaba ali existente nos primórdios de sua colonização. (<https://pt.wikipedia.org/wiki/Bacabal> – Acesso: 14.Jun.2016)

¹⁶ Amarante é um município brasileiro do Estado do Piauí. Localiza-se a uma latitude 06º14'28" sul e a uma longitude 42º51'17" oeste, estando a uma altitude de 104 metros. Sua população estimada em 2014 era de 17.305 habitantes. Possui uma área de 1 155,203 km. Amarante fica às margens dos rios Parnaíba, Canindé e Mulato. A cidade fica conurbada com a cidade de São Francisco do Maranhão, sendo separadas pelo rio Parnaíba. O acesso entre as duas cidades se dá por barco. O acesso à cidade de Amarante é feito através das rodovias BR-316 e 343 e também pela PI-130. Teve sua origem na Vila de São Gonçalo, onde hoje fica localizada a cidade de Regeneração. No ano de 1861 sua sede municipal e o paroquial foi transferida para o Porto de São Gonçalo do Amarante, localizado às margens do rio Parnaíba. Após a transferência da sede para o Porto, a cidade passou por um período de progresso e desenvolvimento comercial, graças ao rio Parnaíba, que era a principal via de transporte entre o litoral e o interior do Estado. E devido ao rápido desenvolvimento comercial, em 1871, a Vila foi elevada à categoria de cidade, com o nome de Amarante. ([https://pt.wikipedia.org/wiki/Amarante-\(Piauí\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Amarante-(Piauí)) – Acesso: 14.Jun.2016)



No primeiro plano João Filho, Galileu e Isaura.
Foto: Arquivo pessoal de Gardênia Gonçalves



1º aniversário de João Filho (Joãozinho), em São Luís-MA (1969).
Foto: Arquivo pessoal de Gardênia Gonçalves

BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. (2007) *Violar memórias e gestar a História: abordagem a uma problemática fecunda que torna a tarefa do historiador um parto difícil*. In: *História: a arte de inventar o passado*. São Paulo: EDUSC.

AMADO, Janaína; MORAES, Marieta de. (2006) *Usos e abusos da história oral*. (Rio de Janeiro: FGV.

Arendt Hannah. (1995) *Verdade e Política*. Relógio d'Água. Editores, Lisboa.

BELTRÃO, Luiz. (1976) *Jornalismo Interpretativo: filosofia e técnica*. Porto Alegre: Sulina.

CERTEAU, Michel de. (2002) *A operação historiográfica*. In: *A escrita da história*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Forense, p. 65-119.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. (1996) *Manual de História Oral*, Loyola, São Paulo.

_____. (2007) *História Oral: como fazer, como pensar*. São Paulo: Contexto.

Ricoeur, Paul. (2000) *La Mémoire, l'Histoire, l'oubli*. Éditions du Seuil, Paris, *Abordagem a uma problemática fecunda que torna a tarefa do historiador um parto difícil*. In: *História: a arte de inventar o passado*. São Paulo: EDUSC.

_____. (2007) *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Unicamp.

SILVA, Fábio Henrique Monteiro. (2009). *O reinado e Momo na terra dos Tupinambás: permanência e rupturas no carnaval de São Luís (1959-1996)*. Dissertação de mestrado em História. Teresina: UFPI.

DADOS SOBRE O AUTOR

Euclides Barbosa Moreira Neto nasceu em 13 de abril de 1957, na cidade de Cururupu-MA. Sua formação educacional e acadêmica ocorreu em Instituições de Ensino Público e atualmente é professor universitário, lotado no Curso de Comunicação Social do Centro de Ciências Sociais da Universidade Federal do Maranhão, ministrando as disciplinas Jornalismo Cultural e Produção Cultural.

Graduado em Comunicação Social – Habilitação Jornalismo, na UFMA (1976-1979), tem dois cursos de Especialização: Teoria e Prática em Jornalismo, ministrado na UFMA (1981-1982), e Planejamento da Comunicação, na Universidade Federal de Minas Gerais, em convênio com a Universidade Católica de Minas Gerais, Fundação Friedrich Ebert da República Federal da Alemanha, Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa da Comunicação – ABPEC com o Centro Internacional de Studios Superiores de Comunicación para a América Latina – CIESPAL (1982), Mestrado em Comunicação, viabilizado por meio de convênio firmado entre a Universidade Federal Fluminense (UFF), Universidade Federal do Maranhão e Universidade Virtual do Maranhão – (2009-2011); exerceu a função de “Conselheiro” do Conselho Estadual de Cultura do Maranhão (1991-1994 e 2007-2008); reorganizou e presidiu o Conselho Municipal de Cultura de São Luís (2009-2012).

Ao longo de sua carreira como docente, sempre se envolveu com a área de extensão e cultura, desenvolvendo atividades em

todas as áreas de expressões artísticas, principalmente na área audiovisual. A nível administrativo na UFMA, foi Coordenador do Núcleo de Atividades Visuais do Departamento de Assuntos Culturais da Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Estudantis, além de Diretor daquele Departamento (CD4) por 12 anos consecutivos (1996-2008).

Como Diretor do Departamento de Assuntos Culturais, desenvolveu extensa grade de projetos e atividades artístico-culturais, motivando sempre o envolvimento dos Departamentos Acadêmicos nas ações executadas com o objetivo de revelar novos talentos e propiciar a participação de alunos e professores nos projetos propostos e/ou desenvolvidos por aquele Departamento. Entre os projetos e ações desenvolvidos por aquele Departamento, sob sua coordenação, até o ano de 2008, na UFMA, destacam-se:

- 12 edições da *Mostra Brasileira de Humor no Maranhão* (Humormará);
- 25 das 32 edições do *Festival Guarnicê de Cinema*;
- 4 edições das *Mostra Guarnicê Itinerante de Cine Vídeo*;
- 13 edições do *Festival Brasileiro de Canto Lírico no Maranhão* (Maracanto);
- 12 das 23 edições do *Festival Brasileiro de Poesias no Maranhão* (Foemará);
- 12 edições do *Festival Universitário de Reggae* (Uni-reggae);

- 8 edições da *Mostra Brasileira de Miniatura Artística no Maranhão*;

- 12 das 33 edições do *Festival Brasileiro de Canto Coral no Maranhão* (Femaco);

- 11 edições da *Mostra Maranhense de Arte Efêmera*;

- 12 edições da *Tocata de Bandas e Fanfarras do Maranhão*;

- 12 edições da *Cantata Natalina*;

- 12 edições da *Exposição Presépio*;

- 6 edições do *Salão de Artes Plásticas 31 x 31*;

- 6 edições do *Projeto Carcará de Cara Nova*;

- 3 edições do *Curta Lençóis: Festival de Cine-Vídeo dos Lençóis Maranhenses*;

- 2 edições do *Festival Luso-Brasileiro de Arte e Cultura – Projeto Lusobrás*;

- 10 edições do *Programa Regional de Apoio às Artes Plásticas*;

- 2 edições do *Maranhão Vídeo de Bolso – Festival Regional de Vídeo de Bolso*;

- 9 edições do *Encontro de Teatro de São Luís na Periferia*;

Quase todos esses projetos eram de abrangência regional e/ou nacional, destacando-se que parte deles era de periodicidade semanal e/ou quinzenal, como foi o *Projeto Carcará de Cara Nova*, executado toda quinta-feira, às 12h30 min., no Auditório

Central da UFMA; o *Projeto Quarta Cultural*, executado toda quarta-feira, às 19 horas, no Espaço Reynaldo Faray no Palacete Gentil Braga; *Projeto Sexta Poética*, executado toda sexta-feira, às 19 horas, no Espaço Reynaldo Faray, no Palacete Gentil Braga, e o *Programa Regional de Apoio às Artes Plásticas*, que promovia, a cada 15 dias, exposições de artes plásticas na Galeria Antonio Almeida e na Sala Maia Ramos, ambas no Palacete Gentil Braga.

Dos projetos de abrangência nacional, destacaram-se o *Festival Guarnicê de Cinema*; *Festival Brasileiro de Canto Coral no Maranhão (Femaco)*; e o *Festival Brasileiro de Canto Lírico no Maranhão (Maracanto)*; o *Festival Brasileiro de Poesia no Maranhão (Poemará)*; o *Festival Universitário de Reggae (Unireggae)*; a *Mostra Brasileira de Humor no Maranhão (Humorará)* e a *Tocata de Bandas e Fanfarras do Maranhão*.

Sua intensa ação desenvolvida na área cultural na capital maranhense o levou a atuar como produtor cultural, ator, crítico de arte e cineasta. Na atividade audiovisual, dirigiu e produziu vários filmes, obtendo diversas premiações em festivais de cinema e vídeo pelo Brasil, destacando-se os filmes *Mutações*, *Colonos clandestinos*, *Bom Jesus*, *A greve da meia passagem*, *Alegre Amargor*, *Feições*, *Mamucabo*, *Periquito sujo*, *Jardins suspensos*, e o vídeo *O lavrador de palavras*.

No quadriênio 2009-2012, foi Presidente da Fundação Municipal de Cultura, órgão vinculado à estrutura da Prefeitura de São Luís. No ano de 2012 recebeu do Governo do Estado do Ma-

ranhão o título de Comendador, considerando os bons serviços prestados à cultura maranhense. Como integrante da comunidade universitária, tem se dedicado a pesquisar a atuação das manifestações culturais “reggae” e “carnaval”, no meio cultural maranhense.



Os filhos de Gardênia e João Castelo: Thales, Gardeninha e Joãozinho.
Foto: Arquivo pessoal de Gardênia Gonçalves



Casa da família Castelo, em Caxias, no largo de Santa Luzia (hoje Coronel João Castelo). Foto: Arquivo pessoal de Gardênia Gonçalves



Casa dos pais de João Castelo, na Rua do Passeio, em São Luís-MA (transformou-se no Colégio Henrique de La Roque). Foto: Arquivo pessoal de Gardênia Gonçalves



João Castelo, Gardênia e D. Isaura aplaudindo.
Foto: Arquivo pessoal de Gardênia Gonçalves